



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Paulo José de Oliveira

**A PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR:
CONSTRUINDO UM DOCUMENTÁRIO**

FLORIANÓPOLIS - SC
2025

Paulo José de Oliveira

**A PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR:
CONSTRUINDO UM DOCUMENTÁRIO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras (em Rede Nacional) – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carla Regina Martins Paza

FLORIANÓPOLIS - SC
2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Oliveira, Paulo José
A PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR
: CONSTRUINDO UM DOCUMENTÁRIO / Paulo José Oliveira ;
orientadora, Carla Regina Martins Paza, 2025.
83 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e
Expressão, Programa de Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras. 2. Diversidade Linguística. 3. Variação
Linguística . 4. Gênero Jornalístico Documentário.. 5.
Preconceito Linguístico. I. Paza, Carla Regina Martins. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

PAULO JOSÉ DE OLIVEIRA

A PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR:
CONSTRUINDO UM DOCUMENTÁRIO

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 10 de abril de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Edair Maria Görski, Dra.

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dra.

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Letras.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Carla Regina Martins Paza, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2025.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que já foram silenciadas por sua forma de falar — aqueles que sofrem preconceito linguístico diariamente. Que suas vozes, carregadas de história e identidade, sejam aceitas, e que a sociedade aprenda a valorizar toda a bagagem cultural trazida pela diversidade linguística.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que participaram desta etapa tão significativa da minha trajetória acadêmica. Gostaria de manifestar minha profunda gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela força e pela sabedoria de chegar até aqui.

Em especial, ao meu pai, José Fernando, que esteve ao meu lado em grande parte desta jornada, oferecendo apoio e amor. Mesmo que ele tenha partido no meio deste caminho, sua presença continua viva em meu coração.

À minha querida mãe, Dona Juçara, que sempre esteve ao meu lado e me apoiou em toda essa trajetória.

Aos meus filhos, que, nos momentos em que estive ausente, compreenderam meus objetivos.

À CAPES pelo apoio financeiro, por meio da bolsa de estudos, que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

À minha orientadora, Profa. Carla Regina Martins Paza, pela orientação incansável, paciência e sabedoria ao longo de todo o processo. Suas críticas construtivas foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do PROFLETRAS da UFSC, por suas aulas e ensinamentos, que contribuíram e enriqueceram minha formação acadêmica e profissional.

Ao secretário do PROFLETRAS da UFSC, Paulo Alcaraz, pela disposição e agilidade em ajudar com documentações, matrículas e cumprimento de prazos neste mestrado.

Agradeço à Profa. Edair Maria Görski e à Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, por aceitarem compor a banca de qualificação e de defesa, e pelas grandes contribuições para a finalização deste trabalho.

Agradeço à Profa. Cecília Augusta pelos esclarecimentos nas mentorias e por sua dedicação e comprometimento.

Agradeço também a todos os entrevistados, em especial ao Prof. Carlos Alberto Faraco, que, com suas contribuições valiosas e seu conhecimento compartilhado, enriqueceram este trabalho.

Há ainda muito trabalho analítico e político a fazer diante dessa postura, que privilegia uma variedade de língua sobre as demais, sem levar em conta se ela representa uma escolha adequada para a sociedade brasileira como um todo.

(Faraco, 2008, p. 10)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo produzir um documentário que discutirá a realidade sociolinguística dentro do ambiente escolar, a partir de entrevistas realizadas com servidores, docentes e gestores de duas escolas da Rede Estadual Básica de Ensino de Santa Catarina, contando também com uma entrevista com o autor e especialista na área da Sociolinguística, Carlos Alberto Faraco. A intenção é que o documentário seja integrado à capacitação dos professores da região de São Francisco do Sul, sendo abordadas questões relacionadas ao preconceito linguístico e à diversidade linguística na escola. Além disso, a intenção é que o documentário também seja integrado nas discussões sobre variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Este estudo tem como base a Pedagogia da Variação Linguística, que é o fruto do trabalho de muitos linguistas e educadores que defendem um ensino mais justo e consciente da língua, propondo que a escola ensine a norma-padrão sem menosprezar os sotaques, gírias e expressões regionais dos alunos. Este trabalho, se inspira especialmente nos estudos de Bagno (2007, 2013), Faraco (2008, 2015, 2016), Görski e Valle (2019), Paza e Görski (2024). Além disso, leva em consideração a importância dos trabalhos envolvendo tecnologias e o gênero jornalístico documentário dentro do ambiente escolar, conforme Costa (2007), Schwingel (2012), Souza Neto (2020) e Pires (2018). Gerar discussões, perceber a língua de forma heterogênea e combater o preconceito linguístico são alguns dos resultados almejados por esse trabalho.

Palavras-chave: Diversidade Linguística. Preconceito Linguístico. Pedagogia da Variação Linguística. Tecnologias Digitais da Informação na Escola. Formação de Professores. Gênero Jornalístico Documentário.

ABSTRACT

The present work aims to produce a documentary that will discuss the sociolinguistic reality within the school environment, based on interviews conducted with staff, teachers and managers of two schools in the Santa Catarina State Basic Education Network, also featuring an interview with the author and specialist in the area of Sociolinguistics, Carlos Alberto Faraco. The intention is for the documentary to be integrated into the training of teachers in the São Francisco do Sul region, addressing issues related to linguistic prejudice and linguistic diversity in schools. This study is based on the Pedagogy of Linguistic Variation, which is the result of the work of many linguists and educators who advocate for fairer and more conscious language teaching. This approach proposes that schools teach the standard norm without disregarding students' accents, slang, and regional expressions. It is especially inspired by the studies of Bagno (2007, 2013), Faraco (2008, 2015, 2016), Görski and Valle (2019), Paza and Görski (2024). In addition, it takes into account the importance of work involving technologies and the documentary journalistic genre within the school environment, according to Costa (2007), Schwingel (2012), Souza Neto (2020), and Pires (2018). Generating discussions, perceiving language in a heterogeneous way, and combating linguistic prejudice are some of the desired results of this work.

Keywords: Linguistic Diversity. Linguistic Prejudice. Pedagogy of Linguistic Variation. Digital Information Technologies in Schools. Teacher Training. Documentary Journalism Genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO	17
2.2 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E AS TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS NO ENSINO.....	31
3 METODOLOGIA	43
3.1 CONHECENDO AS ESCOLAS QUE FORAM PESQUISADAS.....	43
3.2 PERGUNTAS AOS ENTREVISTADOS.....	46
3.3 SOBRE O DOCUMENTÁRIO.....	49
4 RESULTADOS	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	74
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	74
APÊNDICE B - ROTEIRO TÉCNICO	78

1 INTRODUÇÃO

A língua é viva e diversa, e, com ela, carregam-se histórias, sotaques, identidades e culturas de muitas comunidades. Diariamente, a forma como falamos varia naturalmente, muda conforme a região, a idade, a educação ou até a situação em que empregamos a fala.

A diversidade linguística é uma realidade incontestável no contexto escolar, e seu reconhecimento é apenas o primeiro passo para uma abordagem pedagógica efetiva. Além de identificar as variações linguísticas, é fundamental que o professor desenvolva um trabalho que permita ao estudante compreender os fatores que as motivam não apenas aspectos regionais, mas também elementos internos à língua, como variações fonéticas, morfológicas e sintáticas, assim como aspectos externos, tais como identidade, estilo, idade, gênero e escolaridade. Essa compreensão ampla possibilita ao aluno perceber a língua como um fenômeno dinâmico e socialmente situado (Bortoni-Ricardo, 2004; Faraco, 2008).

No entanto, para que essa reflexão seja realmente transformadora, é necessário ir além: o estudante deve relacionar a língua à história social do Brasil, entendendo como fatores históricos, políticos e culturais moldaram as diferentes formas de falar. Dessa forma, o trabalho em sala de aula deve ser aprofundado, promovendo não apenas a aceitação das variedades linguísticas, mas também uma consciência crítica sobre sua origem e significado. Essa perspectiva contribui para a formação de cidadãos mais reflexivos e respeitosos em relação à diversidade linguística e cultural.

A discussão sobre diversidade linguística no contexto escolar pode ser fundamentada em estudos relevantes da sociolinguística e da educação. Faraco (2016), na obra “História sociopolítica da língua portuguesa”, demonstra como as transformações sociais e políticas no Brasil influenciaram a formação de diferentes variedades linguísticas, ressaltando que a língua não é um sistema homogêneo, mas um reflexo de desigualdades e conflitos históricos. Já em “Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós” (2008), o mesmo autor problematiza a noção de “norma”, destacando que ela é uma construção social e não um padrão absoluto, o que exige uma abordagem crítica no ensino.

Complementando essa perspectiva, Faraco (2015), em “Norma culta brasileira: construção e ensino”, argumenta que o trabalho pedagógico deve ir além

da simples exposição às regras da norma-padrão, incorporando uma reflexão sobre como as variedades linguísticas se constituíram historicamente. Bagno (2007), em “Nada na língua é por acaso”, reforça essa ideia, defendendo que a variação linguística é um fenômeno natural e sistemático, devendo ser abordada em sala de aula como parte essencial do conhecimento linguístico. Além disso, em “Preconceito linguístico” (2013), Bagno alerta para os impactos negativos da discriminação baseada no modo de falar, propondo que a escola adote uma postura mais inclusiva.

Bortoni-Ricardo (2004), por sua vez, em “Educação em língua materna”, destaca a importância de se considerar as variedades linguísticas dos alunos no processo de ensino, propondo estratégias didáticas que valorizem sua identidade linguística enquanto são familiarizados à norma culta de forma não impositiva. Esses autores, em conjunto, fornecem subsídios para uma prática docente que não apenas reconheça a diversidade linguística, mas também a explore criticamente, relacionando-a com fatores históricos, sociais e identitários.

No Brasil, essa pluralidade fica ainda mais evidente por se tratar de um país de grande extensão territorial e por possuir uma imensa variedade de modos de falar o português. Entretanto, na escola e na sociedade muitas dessas variações ainda são vistas como "erradas" ou inferiores, como se só houvesse uma única forma "correta" de se comunicar.

A diversidade linguística se manifesta de forma singular devido às dimensões continentais do país e aos seus aspectos socioculturais. Como destaca Faraco (2016), a formação histórica do português brasileiro foi marcada pelo contato com línguas indígenas, africanas e de imigração, criando um cenário plural em que coexistem desde variedades regionais do português até línguas minoritárias. Entre os grupos que compõem esse panorama estão comunidades indígenas com mais de 180 línguas vivas, quilombolas com variedades influenciadas por línguas africanas e imigrantes europeus entre outros continentes do mundo, cujas práticas linguísticas refletem identidades sociais específicas.

Além disso, Faraco (2008) ressalta que essa diversidade não se limita a diferenças regionais, mas envolve também variações sociais, etárias e de gênero, constituindo um rico patrimônio linguístico. O autor chama atenção para a necessidade de se reconhecer esse pluralismo no espaço escolar, onde coexistem desde falares caipiras e sertanejos, com suas características, até as línguas de sinais - como a Libras, oficializada como língua brasileira. Essa complexidade exige

uma abordagem pedagógica que vá além da norma-padrão, valorizando as múltiplas expressões da língua como reflexo da história e da identidade nacional.

Apesar de documentos importantes, como os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCNs (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018), na teoria, já reconhecerem que a língua é viva e diversa, ainda existe uma grande divisão entre o que se fala no dia a dia e o que a escola exige por meio de normas e gramáticas tradicionais. Conforme ressalta Marcos Bagno (2007), há uma dicotomia entre a língua cotidiana e a norma escolar. Em sua obra, o autor critica a abordagem tradicional que privilegia a gramática normativa em detrimento das variedades linguísticas efetivamente usadas pelos falantes. Bagno argumenta que essa postura reforça desigualdades sociais ao desvalorizar os modos de falar das camadas populares, tratando-os como "erros" em vez de diferenças legítimas do português brasileiro.

Isso acaba fazendo com que diversos alunos se sintam inseguros ao perceberem que sua forma de expressão, carregada de identidade e história, é, muitas vezes, corrigida ou vista como "errada". Este fato traz à tona uma questão a ser repensada: será que a escola está mesmo celebrando a riqueza da nossa língua, ou apenas impondo um único modelo?

Bagno (2007) demonstra ainda como a escola frequentemente reproduz e naturaliza a discriminação contra variedades linguísticas não-padrão, tratando-as como "erros" ou "desvios". O autor argumenta que essa postura reforça desigualdades sociais, pois estigmatiza principalmente falantes de classes populares, cujas variedades linguísticas são sistematicamente desvalorizadas.

Quando apenas uma norma-padrão é tratada como superior, alunos que vêm de contextos diferentes podem se sentir inferiores, como se sua voz não coubesse ali. Por isso, é tão importante formar professores que enxerguem a língua com olhos mais inclusivos. Não se trata de abandonar a norma existente, mas de ensiná-la como uma entre as muitas possibilidades, sem apagar as outras.

Nesse contexto, é de suma importância que o ensino de língua portuguesa no Brasil reconheça e valorize a heterogeneidade linguística presente tanto nas salas de aula quanto em nossa sociedade. Essa necessidade torna-se ainda mais evidente quando analisamos a realidade educacional do país: com base em minha atuação como pesquisador e docente, assim como nos estudos da Sociolinguística — como os de Bagno (2007, 2013), Faraco (2008, 2015, 2016) e Görski e Valle

(2019) —, percebe-se que a abordagem da variação linguística no ambiente escolar ainda apresenta falhas significativas, muitas vezes negligenciando a riqueza das variedades linguísticas em prol de uma norma padrão rígida.

Para superar esse desafio, é fundamental explorar estratégias didáticas que dialoguem com o cotidiano dos alunos. Nesse sentido, os gêneros discursivos, enquanto manifestações concretas da língua em uso, oferecem um caminho produtivo — em especial o gênero jornalístico documentário, que não apenas apresenta informações complexas de forma acessível, mas também pode ser uma ferramenta poderosa para discutir variação linguística de modo crítico e engajador. Além disso, a produção desses documentários ganha ainda mais relevância quando aliada a tecnologias acessíveis, como câmeras, smartphones e ilhas de edição não lineares, permitindo que os alunos se tornem produtores de conhecimento enquanto refletem sobre a diversidade da língua.

Embora a discussão sobre variação linguística no ambiente escolar tenha se intensificado nos últimos anos assim como as reflexões sobre o uso de tecnologias e gêneros discursivos, persistem lacunas na abordagem e na profundidade desses temas. É crucial ressaltar que, mesmo em contextos sem grande diversidade regional (como em São Francisco do Sul), o trabalho com variação linguística permanece essencial, pois a discriminação linguística é, antes de tudo, um fenômeno social. A abordagem superficial e isolada ainda comum nas escolas não apenas ignora a realidade de estudantes migrantes, mas também falha em combater preconceitos enraizados contra variedades não padrão como as associadas a classes sociais, identidades periféricas, ou mesmo a registros informais.

Dessa forma a variação linguística não se limita a sotaques regionais; ela reflete hierarquias sociais. Estudantes de uma mesma localidade podem ser discriminados por seu nível de escolaridade, pelo contexto familiar ou por expressões vinculadas a grupos específicos (como jovens ou comunidades urbanas). Ignorar essa dimensão significa perpetuar uma visão reducionista da língua, que desconsidera seu papel na exclusão ou inclusão social. Portanto, a educação linguística deve ir além das diferenças regionais, combatendo ativamente a estigmatização de qualquer variedade não hegemônica, seja ela qual for.

Os estudantes chegam à escola carregando um rico repertório cultural que se expressa, sobretudo, em sua forma de falar. No entanto, essa diversidade linguística que deveria ser celebrada muitas vezes se torna alvo de discriminação. Como bem

destacam Görski e Valle (2019, p. 105), é fundamental que compreendamos essas práticas linguísticas não como "erros", mas como expressões legítimas inseridas em um contexto social mais amplo:

Nos estudos de terceira onda, a variação deixa de ser vista como reflexo de categorias e identidades sociais e passa a ser compreendida a partir de práticas estilísticas dos falantes no cenário social. O estilo é visto como construção e projeção de personas, em outras palavras, a variação estilística é usada para construir e projetar identidades dos falantes sendo fortemente motivada pelo ponto de vista do indivíduo sobre seu lugar no mundo e sobre sua relação com outros indivíduos e/ou outros grupos, num contexto em que diversos sistemas ideológicos e culturais compõem o cenário social.

Tendo em vista que a variação é compreendida e está intimamente ligada às identidades sociais dos falantes e que atualmente a sociedade encontra-se informatizada e envolta por tecnologias, percebe-se a importância de produzir um documentário em vídeo que utiliza as tecnologias digitais, possibilitando que professores e estudantes possam ampliar seus conhecimentos e elucidar dúvidas. A ideia é que a obra seja exibida na capacitação de professores do Estado de Santa Catarina, em 2026, a fim de gerar ampla discussão sobre a importância do tema.

As mudanças sociais nos mostram que a profissão de professor está cada vez mais ligada às alterações que ocorrem na sociedade e que evitá-las pode ocasionar problemas diversos, como falta de atenção, baixo rendimento, evasão escolar, entre outros.

Em vista disso, este estudo nasceu de uma necessidade real observada diariamente em sala de aula. Como professor de Língua Portuguesa, verifiquei que muitos estudantes têm dificuldade na aprendizagem porque percebem que seu modo de falar, carregado de identidade e história, é desvalorizado na escola, acarretando preconceito e até mesmo bullying. Assim, a presente pesquisa se justifica pela importância de ampliar a compreensão sobre a variação linguística no ambiente escolar e promover práticas que valorizem a diversidade linguística dos alunos.

Para tanto, propomos discutir a seguinte questão problema: de que forma a variação linguística é percebida no ambiente escolar e como a produção de um documentário pode contribuir para a formação docente e para discussões sobre o preconceito linguístico?

Com o propósito de responder a tal questão, o **objetivo geral** deste trabalho é investigar as percepções sobre a variação linguística no ambiente escolar, em

duas escolas da Rede Estadual Básica de Ensino de Santa Catarina, em São Francisco do Sul e Araquari, por meio de entrevistas com membros da comunidade escolar e com um especialista da área da Sociolinguística a fim de produzir um documentário que sirva como recurso formativo para docentes

A partir do objetivo geral, temos como **objetivos específicos**:

I. Investigar a realidade sociolinguística das escolas públicas da região de São Francisco do Sul — SC por meio de entrevistas com servidores escolares, gestores, docentes e estudantes, analisando suas percepções sobre a variação linguística no ambiente escolar;

II. Entrevistar um especialista da área da Sociolinguística para aprofundar a compreensão sobre conceitos e perspectivas teóricas relevantes à variação linguística e sua relação com o ensino;

III. Organizar e estruturar os conhecimentos adquiridos nas entrevistas em um documentário, visando à formação de docentes de Língua Portuguesa e de outras disciplinas, para subsidiar práticas pedagógicas que valorizem a variação linguística;

IV. Usar o documentário como material complementar nas discussões sobre variação linguística nas aulas de língua portuguesa.

Nesse contexto, com a exibição do documentário, professores da rede estadual de ensino terão a oportunidade de discutir, ampliar seus conhecimentos sobre a variação linguística e pensar em propostas que possam ser inseridas em seus planos de ensino e que utilizem dessas ferramentas para melhorar a abordagem sobre o reconhecimento da variação linguística e evitar o preconceito linguístico em sala de aula.

Diferentemente das notícias rápidas, os documentários jornalísticos fazem uma análise mais aprofundada, explorando o tema de forma mais completa. Com um roteiro bem elaborado, entrevistas, sons e imagens, é possível se aprofundar no tema do reconhecimento da variação linguística na escola, permitindo maior compreensão das complexidades abordadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

O foco deste trabalho está na variação linguística dentro do ambiente escolar. Mas o que é realmente variação linguística? Para falar sobre esse tema, é necessário retrocedermos na história da escrita e da escola.

Segundo Bagno (2007), tanto a escrita quanto a escola são instituições sociais, invenções culturais. As formas mais antigas de escrita datam de menos de 6.000 anos, ou seja, são invenções que surgiram recentemente na história da humanidade. Assim, em 99% da história da nossa espécie, não houve escrita ou leitura e, até os dias de hoje, muitas pessoas ainda estão privadas do acesso ao universo letrado. Sendo assim, observamos que aquilo que as sociedades letradas chamam de língua é, na verdade, um objeto social. Conforme Bagno, isso é uma ilusão nascida das nossas relações sociais, e, considerando essa percepção, é importante perceber a heterogeneidade da língua.

O autor ainda ressalta que, se a língua está ligada diretamente à sociedade, é impossível estudá-la sem estudar a sociedade em que ela é usada, já que estão indissolúvelmente entrelaçadas. Além disso, qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, e é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada (Bagno, 2007).

A Sociolinguística, especialmente através dos estudos de Labov, trouxe uma ampla compreensão das relações entre língua e sociedade, considerando valores culturais das comunidades, o que permitiu uma profunda análise da variação e mudança linguísticas.

Bagno também enfatiza que tratar da variação linguística no ambiente escolar é algo que deve ser ampliado. O Brasil é um país repleto de variedades dialetais: estudantes e professores oriundos das mais diversas localidades do país, e até mesmo de fora do Brasil, identificam-se socialmente pela forma como falam, mas infelizmente ainda existe grande preconceito linguístico dentro do ambiente escolar. Alunos que falam utilizando variedades ou expressões típicas de suas regiões de origem são frequentemente alvos de preconceito.

Bagno (2007) destaca a importância de uma educação que valorize a diversidade linguística dos alunos, pois, dessa maneira, é possível promover uma educação mais inclusiva e democrática. O autor ainda ressalta que o problema do preconceito dentro do ambiente escolar deve ser combatido na escola como parte do objetivo educacional, para que haja respeito às diferenças:

[...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é um espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (Bagno, 2007, p. 27).

Observando essa realidade, é possível perceber a importância de trabalhar a variação linguística na escola, já que, segundo Bagno, essas crenças produzem uma mutilação cultural, denotando desconhecimento histórico e desvalorizando as variedades locais.

Conforme o autor, antes de meados da década de 1960, a presença de escolas no Brasil era escassa e limitada. As poucas que existiam se concentravam nas regiões urbanas, sendo que raramente encontravam-se essas instituições em áreas rurais e até mesmo nas cidades menores. Dentro dessas escolas urbanas, apenas indivíduos das classes média e média alta tinham a oportunidade de aprender, o que representava uma pequena fração da população. No entanto, ocorreram mudanças significativas no cenário educacional nesse período, que ficou conhecido como o início da democratização da educação no Brasil.

A rápida urbanização da população brasileira resultou em um aumento significativo no número de escolas. Bagno, em seu livro “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” (2013), traz dados do censo do IBGE de 2000 que mostram grande aumento da população urbana: em 1960, as áreas urbanas eram habitadas por apenas 45% da população, mas esse número subiu para 80% após quatro décadas.

Esse processo de urbanização acelerado e caótico trouxe repercussões sociais graves, incluindo a formação de periferias carentes e a falta recursos básicos nas grandes cidades. O desemprego e o aumento dos níveis de violência urbana, juntamente com diversas formas de poluição, foram algumas das consequências desse aumento populacional. Além disso, as escolas públicas experimentaram uma mudança na demografia social da sua população estudantil. Grupos anteriormente marginalizados que residiam fora das áreas urbanas, aos quais foi negado o acesso à educação formal, passaram a exigir que seus filhos — que nasceram e foram

criados nas cidades — tivessem oportunidades iguais de escolaridade (Bagno, 2013).

Trazendo a discussão para o cenário atual, as escolas estão acolhendo alunos das mais diversas regiões do Brasil e do mundo, tornando esse ambiente mais diverso em termos de etnia e cultura. Isso é reflexo de inúmeros movimentos populacionais, de migração e globalização que vêm acontecendo ao longo dos anos e têm importante impacto para a prática educacional. A prática educacional tradicional frequentemente ainda adota uma perspectiva polarizada da linguagem, que valoriza a norma-padrão e desprestigia as variedades não padrão ou populares. Esse enfoque, embora prevalente, pode ser limitado, considerando que não há uma norma superior.

Tendo em vista essas transformações no perfil socioeconômico e cultural da população brasileira, é necessária uma nova postura no ensino e aprendizagem em uma educação que reconheça as variações linguísticas. Infelizmente, existe a ilusão de que a língua é homogênea, que enfatiza uma forma “correta” de falar e escrever. Como ressalta Bagno (2007), essa herança vem de uma sociedade tradicionalista rendida à minoria letrada:

É que as pessoas que frequentavam a escola antes da “democratização” eram, na sua maioria, falantes das variedades linguísticas urbanas, muito influenciadas pela cultura da escrita e pelo policiamento linguístico praticado pela escola e por outras instituições sociais. A atividade docente, nesse período, era exercida por pessoas originárias da pequena minoria que tinha hábito de comprar e ler livros em geral e, sobretudo, de ler obras dos escritores consagrados (Bagno, 2007, p. 32).

Tendo em vista o que foi apresentado, pensar em uma Pedagogia da Variação Linguística torna-se um desafio que vem sendo buscado por linguistas e sociolinguistas há décadas. Segundo Faraco, em sua obra “Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós” (2008), as primeiras intervenções mais abrangentes e debates sobre o ensino do português no Brasil surgem desde a década de 1970, com intervenções propostas pelos linguistas Eurico Back e Aryon Rodrigues.

Essas propostas pioneiras trouxeram uma abordagem inovadora ao introduzir conceitos fundamentais, como a distinção entre língua falada e língua escrita. Isso ajudou a destacar a importância de não reduzir a escrita apenas à literária, abrindo espaço para um entendimento mais amplo e inclusivo da língua e suas variações. Nesse sentido, a intervenção dos linguistas trouxe contribuições significativas para o

desenvolvimento de uma pedagogia da língua materna no Brasil, ajudando a fundamentar metodologicamente o ensino de língua portuguesa.

Ao considerar o ensino do português como uma área de convergência pedagógica que envolve múltiplos parceiros, e não apenas os linguistas, podemos revitalizar os debates e trazer inovadoras perspectivas para o ensino da língua portuguesa no Brasil. Isso pode proporcionar, como diz Faraco, uma abordagem mais colaborativa, promovendo uma compreensão mais abrangente da língua e de suas diferentes manifestações:

Nessa perspectiva, Aryon Rodrigues faz, por exemplo, referência à “propriedade” na expressão falada e escrita como mais importante que a correção — postulado que podemos considerar clássico na percepção que os linguistas têm do funcionamento sociolinguístico da língua e que decorre, em especial, da evidência da variação estilística, isto é, do fato de que os falantes não são monoestilísticos, mas alteram a forma da sua expressão, adaptando-a às circunstâncias (Faraco, 2008, p.166).

Faraco (2008) também relata que, nos estudos linguísticos, a discussão sobre o conceito de norma surge da necessidade de compreender a complexidade e a heterogeneidade inerente à língua. A fala, conforme demonstrado pelos estudos científicos, não é uma realidade unitária e homogênea. Essa unidade é apenas uma representação imaginária dentro de uma cultura e uma concepção política e social.

A norma dita padrão é, muitas vezes, associada à educação formal e às instituições culturais, e é considerada um patrimônio cultural a ser preservado.

Faraco define a norma padrão como uma variedade linguística construída social e historicamente, baseada em regras estabelecidas por gramáticas e dicionários, que assume um papel de prestígio na sociedade. Ela não surge naturalmente, mas é selecionada a partir de formas associadas a grupos dominantes, servindo como modelo de “correção” linguística. Faraco destaca que essa norma cumpre uma função ideológica, sendo usada como instrumento de distinção social e marginalizando outras variedades da língua, como falares regionais ou populares. Apesar de ser apresentada como fixa, ela também está sujeita a mudanças ao longo do tempo, refletindo transformações culturais e históricas.

No entanto, essa ênfase na norma-padrão pode nutrir a fantasia de que haja uma única forma “correta” de falar e escrever, ignorando a diversidade linguística e as variações regionais, sociais e individuais que existem nas diversas línguas. Essa postura é chamada por Faraco (2015) de “norma curta”.

A norma curta não passa de uma sùmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do exacerbado pseudopurismo que, infelizmente para nossa cultura linguística e nossas práticas de ensino, se alastrou entre nós desde as últimas décadas do século XIX (Faraco, 2015, p.25).

O autor enfatiza que, ao contrário de tentar impor uma norma homogênea, é mais produtivo valorizar e celebrar essa diversidade, promovendo o respeito por todas as formas de expressão. Essa perspectiva reconhece que a língua é um fenômeno dinâmico e plural, no qual diferentes variedades coexistem e se complementam.

Nesse sentido a norma culta, representa o uso de indivíduos mais letrados em contextos de maior monitoramento e é reconhecida em determinados contextos. Entretanto coexiste com outras tantas variedades e formas de expressão linguística. Assim, a norma culta não é uma entidade separada das variedades, mas sim uma delas, embora possa ter uma posição de prestígio em certos contextos sociais e educacionais (Faraco, 2008).

Considerando esta explanação sobre as normas linguísticas e suas complexidades, observa-se que cada comunidade linguística não é caracterizada por uma única norma, mas sim por um conjunto de normas variadas, que refletem a diversidade de interações sociais dentro dessa comunidade. Faraco ressalta que a ideia de comunidades de prática, em que os falantes compartilham experiências coletivas em diferentes contextos, é uma maneira útil de compreender como as normas linguísticas são moldadas e aplicadas.

Além disso, as diversas comunidades de práticas tende a ter suas próprias normas específicas de fala e comportamento linguístico, e os falantes têm a habilidade de se ajustar conforme a situação na qual se encontram. Essa capacidade de adaptação linguística é fundamental para a comunicação eficaz em diferentes situações sociais.

Também é importante considerar as múltiplas redes de relações sociais em que os falantes estão inseridos e que influenciam os modos de falar e escrever, gerando uma variedade de normas dentro de uma comunidade linguística. Faraco (2008) ressalta que, no Brasil, ainda enfrentamos desafios na democratização da norma culta, especialmente no âmbito da modalidade escrita. E acrescenta: “[...] a norma culta é mais que apenas um rol de elementos léxico-gramaticais. Ela combina

práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos” (Faraco, 2008, p. 56).

Essa concepção ampla da norma culta como prática sociocultural dialoga diretamente com a compreensão da variação linguística no contexto brasileiro. Nesse sentido, conforme Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), a diversidade linguística é um fenômeno complexo e dinâmico, profundamente enraizado em processos sociais mais amplos. Na obra “Educação em língua materna” (2004), a autora argumenta que o contato entre variedades linguísticas no Brasil ocorre por meio de um continuum sociolinguístico, no qual os falantes negociam seus repertórios linguísticos de acordo com contextos específicos de interação. Essa perspectiva desafia visões essencialistas sobre a língua, mostrando que as fronteiras entre o "rural" e o "urbano" são fluidas e constantemente reinterpretadas pelos próprios usuários da língua.

A ampliação dessa discussão para além do contexto regional, tanto dentro quanto fora de sala de aula, torna-se necessária e é visível não apenas entre alunos, mas também entre o corpo docente. Conforme ressalta Bortoni-Ricardo (2004, p. 25).

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau de variação será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar nas atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria variação linguística (Bortoni Ricardo, 2004, p.25).

Diante desse cenário, fica evidente que a educação linguística precisa ser repensada para assumir um caráter verdadeiramente inclusivo e reflexivo. Não basta ensinar uma norma-padrão como única forma legítima de comunicação; é preciso problematizar seus usos sociais e mostrar como ela se relaciona com mecanismos de exclusão. Ao mesmo tempo, valorizar as variedades linguísticas marginalizadas significa reconhecer a voz de grupos historicamente silenciados, transformando a sala de aula em um ambiente de acolhimento e diálogo.

Bortoni-Ricardo (2005), na obra “Nós chegemos na escola, e agora?”, critica a abordagem das instituições educacionais que tratam as variedades não padrão como "desvios" a serem corrigidos, em vez de reconhecê-las como expressões legítimas de experiências sociais diversificadas. Essa postura, ao desvalorizar certas formas de falar, reforça mecanismos de exclusão contra falantes de variedades estigmatizadas como ocorre, por exemplo, na variação de concordância verbal ("os menino estudou pra prova") ou no rotacismo, fenômeno fonético em que o som do "L" é substituído pelo "R" (como em "pranta" em vez de "planta" ou "frechada" no lugar de "flechada").

Como explica a autora, longe de serem "erros", essas estruturas seguem regras internas do português não padrão, comum em contextos informais e em diversas comunidades linguísticas. A escola, ao ignorar essas variações sistemáticas, não apenas perpetua preconceitos, mas também falha em cumprir seu papel de inclusão e valorização da diversidade linguística.

Nesse mesmo sentido, autores como Zilles, Faraco, Cyranka, Galarza, Augustinho, Coelho, Simões, Soares, Kersch, Bagno, González, Barbosa e Cavalcanti no livro “Pedagogia da Variação Linguística: Língua e Diversidade”, organizado por Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco (2015), defendem que, para que ocorra uma reinvenção do ensino da língua, é necessário adotar uma Pedagogia da Variação Linguística, que, em vez de privilegiar uma única norma linguística, busque reconhecer e incorporar as diferentes variedades presentes na sociedade. Dessa maneira, os estudantes podem acumular maior conhecimento sobre as diversas formas de falar e escrever, bem como os contextos sociais e culturais em que essas variações ocorrem.

Na obra é apresentada uma reflexão crítica e propositiva sobre o ensino de língua portuguesa, defendendo uma abordagem que reconheça a diversidade linguística como parte integrante essencial da comunicação humana. Os autores enfatizam que a educação linguística ainda é frequentemente pautada por uma visão prescritiva e normativa, que marginaliza as variedades não padrão e reforça estereótipos e preconceitos. A obra argumenta que a escola precisa abandonar a postura de "correção linguística" e, em seu lugar, adotar uma pedagogia que valorize as variações da língua como fenômenos legítimos e socialmente importantes.

Como destacam Zilles e Faraco, a língua é um sistema dinâmico e heterogêneo, moldado por fatores geográficos, históricos, sociais e culturais. Suas variações não são aleatórias, mas seguem padrões sistemáticos influenciados por região, classe social, idade, gênero e escolaridade. Mesmo instrumentos normativos contemporâneos, como os dicionários Aurélio e Houaiss ou gramáticas de referência, já começam a refletir, ainda que timidamente, a complexidade do português brasileiro em suas diversas formas. O problema é que essa evolução não se difundiu socialmente e nem mesmo nos cursos de Letras, em que os alunos muitas vezes se surpreendem ao descobrir as contradições entre os preceitos rígidos ensinados tradicionalmente e as observações mais flexíveis presentes nesses mesmos dicionários e gramáticas, enfatiza Faraco (2015).

Na prática, o que predomina no sistema educacional, reforçado por manuais de redação, cursinhos preparatórios e concursos públicos, é uma versão estreita e artificial da língua portuguesa, distante da riqueza e pluralidade que caracterizam nosso idioma no uso real. Essa discrepância entre a língua como ela é e a língua como alguns insistem em ensinar permanece um dos grandes desafios para uma educação linguística verdadeiramente inclusiva.

Nossos bons dicionários e nossas boas gramáticas – ou seja, aqueles instrumentos normativos construídos com respaldo filosófico e linguístico - raramente são levados em conta. Infelizmente, o que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais de mídia, pela ação de revisores das editoras, por manuais de redação dos grandes jornais, por cursinhos pré vestibular e pré Enem e por elaboradores de questões de concursos públicos, é uma norma estreita, que costumo chamar de "norma curta" (Faraco, 2015, p. 24).

Nesse sentido, para efetuar mudanças significativas no ensino de línguas, Cyranka (2015) relata que é essencial adotar uma abordagem que reconheça e valorize a variação linguística, essa perspectiva exige uma transformação profunda nas práticas pedagógicas, que devem partir do princípio de que todas as variedades linguísticas são sistemas válidos e coerentes, cada um com suas regras internas e contextos de uso apropriados. Longe de promover o descuido com a norma culta, a autora propõe um ensino contextualizado que mostre aos alunos quando e por que determinadas formas linguísticas são socialmente valorizadas em certos espaços, sem desqualificar seus usos cotidianos.

O perfil da escola tradicional não responde mais ao que já somos capazes de saber e de produzir. O espaço escolar não pode mais continuar demarcado, com fronteiras determinadas e fixas. Novos modelos se anunciam, muitos deles já vêm se concretizando (Cyranka, 2015, p. 34).

Conforme Cyranka (2015), a Sociolinguística Educacional oferece percepções valiosas sobre como a língua é influenciada por fatores sociais, como classe, gênero, etnia e idade. Os educadores, estando abertos a essas percepções, podem criar um ambiente de aprendizado que respeite e celebre a diversidade linguística dos alunos, incentivando-os a compartilharem suas próprias experiências linguísticas e culturais. Ao adotar uma abordagem mais inclusiva e contextualizada para o ensino de língua, podemos criar um ambiente de aprendizado mais enriquecedor para todos os alunos, independentemente de sua origem linguística ou cultural. Como destaca Cyranka (2015):

Novos modelos se anunciam, muitos deles já vêm sendo concretizados. É possível desestabilizar a tradição do tratamento escolar dado ao “ensino” de português e, efetivamente, construir uma pedagogia da variação linguística. [...] Pode-se/deve-se negar o que já está sendo posto, consolidado, garantido tanto para as escolas particulares, que recebem, em geral, alunos das classes dominantes, que falam uma variedade linguística inquestionavelmente prestigiada, quanto para as públicas, cuja clientela utiliza outra variedade, também inquestionavelmente sem prestígio (Cyranka, 2015, p. 34).

Assim, promover uma Pedagogia da Variação Linguística que valorize a voz dos alunos e reconheça a diversidade linguística e cultural é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso pode envolver inovações e criatividade, empoderando e incentivando os estudantes a se tornarem participantes ativos no processo de aprendizagem, permitindo que expressem suas próprias vozes e opiniões.

Outro fator importante para o qual deve ser dada atenção é a formação de professores. Os educadores precisam receber formação adequada para que possam implementar efetivamente abordagens que considerem a variação em sala de aula. Isso pode incluir cursos de desenvolvimento profissional e recursos educacionais específicos.

Tendo em vista essas propostas, é fundamental reconhecer a importância de dar voz aos estudantes e promover uma educação que os capacite a expressar suas ideias e experiências. Paulo Freire (1996), com sua obra “Pedagogia da autonomia”, enfatizou a necessidade de substituir o método de transferência de conhecimento pelo diálogo, colocando os alunos no centro do processo educacional.

É também importante considerar que Oushiro (2016) ressalta como as avaliações sociais sobre diferentes variedades linguísticas são construídas e perpetuadas. Suas pesquisas evidenciam que os julgamentos sobre "certo" e "errado" na língua raramente são neutros; antes, refletem hierarquias sociais mais profundas, nas quais certos grupos são sistematicamente marginalizados com base em seu modo de falar. Essas considerações no levam a perceber como os diversos modos de manifestação do preconceito linguístico se formam na sociedade, envolvendo aspectos regionais, sociais e identitários.

Ademais, Paza e Görski (2024) ressaltam como os falantes utilizam recursos linguísticos para sinalizar pertencimento a grupos específicos. Mostrando crítica ao ensino tradicional, questionam abordagens pedagógicas que ignoram a variação linguística, destacando como a escola frequentemente marginaliza variedades não-padrão, como falares rurais ou urbanos periféricos, o que reforça o aumento das desigualdades sociais.

A convergência entre esses referenciais teóricos nos mostra como os diferentes modos de falar estão inevitavelmente entrelaçados com disputas de poder e processos de construção identitária. A língua, em sua diversidade, é sempre um espelho das relações sociais.

Ainda é importante pensar na maneira como as variedades regionais e aspectos identitários são tratados dentro do ambiente escolar que, muitas vezes, apenas dá ênfase às diferenças lexicais entre regiões, sem reconhecer plenamente a riqueza e a legitimidade dessas variações. Diante das necessidades apontadas, segundo Paza e Görski (2024), é importante refletir sobre qual olhar sociolinguístico deve estar em pauta dentro do ambiente escolar:

O trabalho em sala de aula, no entanto, não pode estar restrito a um capítulo conceitual do livro didático sobre variação, já que o olhar sociolinguístico deve permear toda a prática docente e não há material didático disponível que dê conta disso. A esperança de mudança de comportamento em face à temática aqui abordada parece estar, portanto, na formação do professor (Paza; Görski, 2024, p. 10.955).

As autoras ainda acrescentam que tem havido um fortalecimento contínuo das conexões entre a Sociolinguística e a Educação. Essa integração busca reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural no processo educativo. No entanto, a realidade brasileira ainda enfrenta desafios significativos devido à persistente tentativa de normatização que desconsidera a heterogeneidade

linguística presente no país, havendo uma resistência contínua em muitos setores para aceitar e integrar a riqueza multicultural e plurilinguística do Brasil.

Apesar dessa visão tradicional, documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) têm avançado em direção a uma abordagem linguística mais inclusiva e abrangente, reconhecendo a importância de valorizar a diversidade linguística (Brasil, 1998, 2018). A BNCC, por exemplo, destaca como um dos objetivos de ensino nas aulas de Língua Portuguesa o conhecimento e a valorização das variedades linguísticas, objetivando a promoção e o respeito à diversidade linguística e cultural brasileira.

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (Brasil, 2018, p. 3).

Esses documentos incentivam a o tratamento da diversidade linguística como um elemento enriquecedor do processo de aprendizagem, em vez de relegar as variantes não padrão a um *status* inferior.

Apesar dos avanços teóricos e das propostas educacionais que promovem a inclusão da diversidade linguística como um aspecto fundamental do sistema educacional, na prática escolar, a implementação dessas diretrizes ainda caminha a passos lentos. A persistência de uma visão polarizada limita a eficácia de uma pedagogia da variação linguística, pois não reflete adequadamente a complexidade e a diversidade no uso efetivo da língua.

Paza e Görski (2024) destacam a importância de uma Sociolinguística que seja socialmente constituída, engajada e socialmente consciente, posicionando-se de maneira ativa em relação às injustiças linguísticas. Segundo as autoras, nesse contexto, entende-se que a interação é fundamental para o estudo linguístico:

Mais especificamente, uma Sociolinguística socialmente constituída: (i) é engajada, crítica, intervencionista e defende a igualdade linguística; (ii) lida com dados de todo o mundo real, considerando também os meios digitais e conteúdos produzidos em contextos periféricos; (iii) do mesmo modo como lida com questões teóricas e de interesse linguístico, também lida com questões de interesse social; (iv) entende a linguagem como socialmente constituída e tem a interação como material básico; (v) entende que a sociedade é linguisticamente constituída em grau considerável, o que se evidencia via ideologias linguísticas; (vi) é essencialmente dialógica (nos termos de Bakhtin), considerando os ouvintes, o público e os falantes (BELL, 2016) (Paza; Görski, 2024, p. 10.956).

Essa perspectiva da Sociolinguística reflete um compromisso com uma análise ainda mais inclusiva e prática da linguagem, abordando questões de justiça linguística e social de maneira mais abrangente e conectada com a realidade contemporânea. Nesse sentido, cada vez mais considerações dos aspectos sociais, identitários e estilísticos ganham relevância nos estudos da variação linguística, trazendo também reflexos para o ambiente educacional.

Paza e Görski (2024) também destacam a importância de pesquisadores, como Ralph Fasold, Walter Wolfram, Joan Baratz, Roger Shuy e William Labov, que direcionaram sua atenção para as dificuldades enfrentadas por alunos em contextos socioeconômicos desfavorecidos, no final da década de 1960. Esses estudos reforçam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística, bem como de adaptar o ensino da língua às necessidades e realidades dos alunos, especialmente aqueles de comunidades marginalizadas.

No contexto brasileiro, essa abordagem também é relevante, especialmente considerando a diversidade linguística e cultural do país. É importante reconhecer que essa diversidade linguística pode enfrentar desafios, como estigmatização, discriminação e marginalização. Portanto, é fundamental promover políticas linguísticas inclusivas que valorizem e protejam as diferentes línguas e formas de expressão linguísticas presentes no Brasil.

Outro fator importante são as mudanças ocorridas pelo efeito da globalização e dos avanços midiáticos. Para Paza e Görski (2024), as mídias e o consumo eletrônico colaboram significativamente para que haja mudanças sociolinguísticas, que alteraram o comportamento de muitos que antes se calavam e hoje produzem seus próprios conteúdos. Desta maneira, esses indivíduos são ouvidos por meio de novas formas de comunicação e interação social.

Além disso, as autoras enfatizam as diferentes concepções da relação entre língua, indivíduo e sociedade, com base em Eckert (2012, 2016, 2018, *apud* Paza; Görski, 2024), que sistematiza os estudos variacionistas em três ondas ou fases. Segundo Eckert, a primeira onda da Sociolinguística se concentra nos estudos que se referem mais à dimensão linguística da variação, analisando padrões fonológicos e gramaticais em diferentes contextos sociais. Na segunda onda, houve um reconhecimento crescente da importância das dimensões sociais e estilísticas da variação linguística. Nesta fase, a variação reflete a interação entre categorias locais e estruturas sociais, e o significado estilístico está relacionado à identidade e

associado ao comportamento de um determinado grupo social. Na terceira fase, os estudos variacionistas se tornaram ainda mais interdisciplinares e vinculados à dimensão estilística, considerando como as escolhas linguísticas são influenciadas pelo contexto comunicativo e pelas práticas discursivas.

Apesar desses avanços nas discussões teóricas, como evidenciam Paza e Görski (2024), infelizmente, a Sociolinguística não recebe a devida atenção nas grades curriculares dos cursos de licenciatura em Letras. Segundo as autoras, é necessário compreender melhor esse cenário:

Novas formas de trabalho podem implicar mudanças sociais — em que, por exemplo, novas relações entre empregador e empregado são estabelecidas; e linguísticas — no sentido de que novas formas e estilos podem ser valorados. Do mesmo modo, novas dinâmicas de mobilidade, não somente demográfica e espacial, mas também a mobilidade global de práticas econômicas, normas culturais, estilos de vida e valores, implicam a necessidade de deslocar o olhar da diversidade para a superdiversidade. Além disso, as mídias, a mídiatização e as trocas e o consumo mediados eletronicamente assumem papel central em nossos tempos, levando seguramente a importantes mudanças sociolinguísticas, que ainda carecem de investigação e que têm alterado o comportamento passivo de ver e consumir produtos midiáticos para o lugar agentivo de produzir os próprios conteúdos, dando voz aos antes silenciados (Coupland, 2016) (Paza; Görski, 2024, p. 10.954).

Para suprir essa carência, cursos de formação continuada fazem o papel de complementar esses conteúdos com foco na prática docente, mas geralmente de forma limitada. Diante disso, a abordagem sociolinguística no ambiente escolar se torna limitada e enfraquecida e os materiais didáticos geralmente enfatizam visões polarizadas, confrontando norma padrão e variedades populares e regionais.

Uma Sociolinguística Educacional Socialmente Constituída reconhece que as práticas linguísticas e educacionais não são universais, mas sim moldadas pelas normas, valores e estruturas sociais de uma determinada comunidade ou sociedade. Dentro dos ambientes de ensino, professores podem criar em sala de aula espaços inclusivos, para que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Isso é possível por meio do reconhecimento, respeito, e valorização da diversidade linguística e cultural dos alunos:

Na esfera escolar, defendemos a necessidade de um trabalho pedagógico cotidiano nessa perspectiva, considerando não só o contexto sociocultural atual e o impacto das redes sociais, mas também o perfil dos jovens da sociedade pós-moderna que ocupam os espaços escolares. Nesse sentido, tem um papel crucial a formação dos professores de Língua Portuguesa, o que inclui, ao lado de uma bagagem conceitual robusta, uma postura aberta e criativa para perceber e lidar com temas de interesse atual e conduzir importantes debates em sala de aula (Paza; Görski, 2024, p. 10.964).

Portanto, é crucial que os professores de língua portuguesa, apoiados pelo arcabouço da Sociolinguística, lutem pela valorização da diversidade linguística, promovendo práticas pedagógicas que reconheçam e celebrem as múltiplas formas de expressão e os contextos culturais variados dos alunos. Para que essa transformação ocorra de fato, é essencial oferecer aos docentes uma formação consistente e contínua que os prepare não apenas teoricamente, mas também na prática cotidiana, para acolher e valorizar as diferentes formas de expressão dos alunos.

Capacitar os educadores a compreenderem as variações linguísticas como manifestações culturais legítimas; a ensinarem a norma padrão como um recurso a mais de comunicação e não como a única forma válida; e a criarem ambientes educacionais que respeitem as identidades linguísticas dos estudantes; são alguns dos objetivos a serem alcançados na educação.

As pesquisas mencionadas nessa seção nos auxiliam a refletir sobre como usamos a língua para expressar identidade, e apontam para uma nova direção: em vez de apenas tolerar a diversidade linguística, a escola precisa abraçá-la ativamente.

Essa perspectiva tem implicações diretas para a prática educacional. Se aceitamos que a variação linguística é um reflexo da diversidade social, o ensino de língua materna deve, necessariamente, incorporar uma reflexão crítica sobre como essas variações são valorizadas ou desvalorizadas em diferentes contextos. Como argumentam Bagno (2007) e Faraco (2008), isso requer não apenas a exposição dos alunos à variedade padrão, mas também um diálogo constante sobre os fatores históricos, políticos e culturais que levaram à hegemonia de uma variedade em determinados espaços sociais. A variação linguística, nessa visão, deixa de ser um problema a ser resolvido e passa a ser um recurso valioso para a construção de uma educação linguística verdadeiramente inclusiva.

2.2 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E AS TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS NO ENSINO

Este trabalho de pesquisa está ligado diretamente ao gênero jornalístico documentário, cuja escolha como objeto de pesquisa e de análise foi realizada pelo reconhecimento da sua importância como uma forma de expressão multimídia que une elementos verbais, visuais, sonoros e cinematográficos.

Para entender o gênero documentário, é crucial considerar a história e a evolução do cinema e das tecnologias audiovisuais, pois esses aspectos moldaram e continuam a influenciar a forma como os documentários são produzidos, distribuídos e recebidos. Nossa pesquisa está embasada especialmente nos trabalhos de Melo, Gomes e Moraes (2001), Mascarello (2006), Vieira de Jesus (2008) e Barbosa (2009).

Segundo Melo, Gomes e Moraes (2001) e Vieira de Jesus (2008), algumas invenções do final do século XIX foram fundamentais para o início das projeções cinematográficas. Exemplo disso é o praxinoscópio, que foi inventado por Émile Reynaud em 1877, e utilizava uma série de imagens desenhadas, colocadas em um tambor rotativo que criava a ilusão de movimento quando era girado com rapidez.

Outro equipamento importante foi o kinetoscópio, inventado por Thomas Edison e William K. Laurie Dickson, em 1891. Este dispositivo utilizava imagens fotográficas estáticas em uma fita e, ao girar uma manivela, as imagens se movimentavam, criando a ilusão de movimento. Essas imagens eram vistas, por uma única pessoa por vez, por meio de uma abertura.

Outro importante acontecimento foi a criação do cinematógrafo, inventado pelos irmãos Lumière e patenteado em 1895. Este equipamento utilizava rolos de filmes perfurados, o que possibilitava a captura sequencial de imagens em movimento. Mesmo que inicialmente tenha sido considerado um instrumento científico, posteriormente foi utilizado para exibir filmes com o intuito de divertir e informar as pessoas. Esses sistemas de projeções arcaicos contribuíram para exposições destinadas a públicos maiores e demonstraram a aplicação de princípios óticos e mecânicos para que, futuramente, fossem criadas as projeções audiovisuais (Melo; Gomes; Moraes, 2001; Vieira de Jesus, 2008).

Segundo Vieira de Jesus (2008), Thomas Edison produziu os primeiros filmes de ficção. Entretanto, nessa época, as obras ainda se limitavam em imitação do

teatro, com imagens com a câmera parada e as encenações ocorrendo no centro da tela. Já os filmes produzidos pelos irmãos Lumière, com a utilização do cinematógrafo — que tinha a preferência do público —, eram capazes de capturar imagens em movimento e também projetar. A partir disso, começaram a ser realizadas exposições públicas, o que chamou a atenção do público da época:

Utilizava-se uma estética teatral, tanto devido às limitações tecnológicas quanto à hegemonia dos padrões estilísticos das obras teatrais. Os filmes produzidos pelos Lumière tinham a preferência do público. Essa escolha pode ser explicada em primeiro lugar, pela falta de qualidade dos filmes de ficção. Em segundo lugar, deve-se ao fato das atualidades e dos travelogues estimularem a ideia de difusão de conhecimentos objetivos sobre o mundo histórico (Vieira de Jesus, 2008, p. 34).

Assim, o final do século XIX e início do século XX foi marcado pelo início de uma era dominada pelas imagens. No entanto, como destaca Fernando Mascarello (2006), na obra “A história do cinema mundial”, essas projeções estavam entrelaçadas com outras formas culturais, como os espetáculos de teatro popular. Os dispositivos de projeção apareceram como uma novidade entre as diversas invenções, e eram exibidos em demonstrações para cientistas e em exposições. Logo, se tornaram formas de entretenimento popular e as exposições começaram a aparecer em circos, parques de diversões e shows.

Esse período inicial testemunhou diversas reorganizações na produção, distribuição e exibição cinematográfica. Todavia, essa narrativa é muito mais antiga e abrange não apenas a evolução das práticas de projeção de imagens, mas também as diversas formas de entretenimentos populares, e os instrumentos óticos. Segundo Mascarello (2006), essas projeções do fim do século XIX representam uma continuidade da tradição das projeções chamadas de lanterna mágica, em que, desde o século XVII, um apresentador exibia imagens coloridas para o público, através do foco de luz gerado pela chama de querosene. Essas projeções eram acompanhadas por vozes, músicas e efeitos sonoros. O autor também ressalta as ações de representações visuais nas práticas pictóricas, um processo que atravessa séculos de desenvolvimento tecnológico e cultural.

A partir desse contexto, Mascarello destaca que não se pode identificar um único descobridor do cinema audiovisual, pois essa evolução envolve diversos lugares, diversas técnicas que foram aperfeiçoadas e estudadas durante anos. Vários inventores passaram a demonstrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento, especialmente a partir do final do século

XIX. Esses estudos foram impulsionados por avanços tecnológicos nas melhorias das técnicas fotográficas, como a produção em massa de filmes em celulóide flexível, que permitia a captura e a exibição de imagens em movimento de maneira mais eficiente.

Muitas placas de lanterna mágica possuíam pequenas engrenagens que permitiam movimento nas imagens projetadas. O uso de mais de um foco de luz nas apresentações mais sofisticadas permitia ainda que, com a manipulação dos obturadores, se produzisse o apagar e o surgir de imagens ou sua fusão. O cinema tem sua origem também em práticas de representação visual pictórica, tais como os panoramas e os dioramas, bem como nos “brinquedos ópticos” do século XIX, como o taumatrópio (1825), o fenaquistiscópio (1832) e o zootrópio (1833) (Mascarello, 2006, p. 18).

Com o surgimento de novos equipamentos, o cinema começa a explorar a vida real e as culturas de maneira mais sistemática e investigativa, marcando o início de um gênero dedicado a capturar e interpretar a realidade através da lente cinematográfica.

O início das produções documentais está interligado aos primeiros anos do cinema, quando cineastas começaram a capturar e registrar a realidade de uma forma sistemática. Os irmãos Lumière, pioneiros do cinema, já produziam curtas-metragens documentais que mostravam cenas da vida cotidiana, como a saída dos operários de uma fábrica.

Vieira de Jesus (2008) ressalta o início das projeções travelogues (ou filmes de viagem), sendo um dos grandes nomes que representou esse estilo Robert Flaherty, que ficou conhecido por sua importante contribuição para o cinema documental. Seus filmes exploravam culturas e paisagens pelo mundo e ele foi pioneiro em capturar a vida e os costumes de povos de comunidades distantes.

Um de seus trabalhos mais reconhecidos foi o filme “Nanook of the North” (1922), que retrata a vida dos Inuit no Ártico Canadense. Essa obra é considerada um marco para o cinema documental, pois combinou elementos da narrativa cinematográfica com um olhar etnográfico detalhado, utilizando técnicas cinematográficas para captar a realidade do ambiente, além de explorar as dificuldades enfrentadas pelo povo Inuit. Seu trabalho inspirou gerações posteriores de produtores audiovisuais, cineastas e documentaristas a explorarem e capturarem o mundo ao seu redor através da lente de uma câmera.

O trabalho de Flaherty influenciou outros realizadores de travelogues. A partir da observação etnográfica, o roteiro era construído. Selecionavam os momentos para dramatização na busca de captar a realidade daquela comunidade. Além de Nanook of the North, Flaherty produziu Moana (1926),

Man of Aran (1934) e *Louisiana Story* (1948), inaugurando uma “narratividade documentária” com um método de pesquisa, filmagem e montagem próximas da ficção.

No entanto, este protótipo só ganhou retórica para estabelecer-se como a tradição do documentário com o escocês John Grierson, que, paralelamente ao cinema hollywoodiano, ao expressionismo alemão, à vanguarda francesa e ao cinema revolucionário soviético, formalizou o documentário como um novo gênero, sistematizado, tempos depois, por Paul Rotha e Alberto Cavalcanti, membros da escola documentária inglesa. O documentário não era um filme alternativo à produção ficcional. Foi pensado para formar a opinião pública (Mascarello, 2006, p. 35).

Assim, com as experimentações visuais e registros da vida cotidiana, o gênero documentário surge de maneira natural e essa fase inicial focava em capturar cenas da vida cotidiana, paisagens e eventos.

Vieira de Jesus ressalta também a importância de Charles Pathe, que, em 1910, iniciou o processo de padronização da produção, que passou a ser chamado de newsreel ou cinejornal. Os temas filmados eram, do cotidiano, como os iniciados pelos irmãos Lumière, entretanto tinham uma orientação jornalística. Charles Phate trabalhou como repórter cinematográfico e fotógrafo para o filme “*Nanook of the North*”, ajudando a capturar as imagens inusitadas da vida dos Inuit. Esse trabalho foi crucial para a produção do filme e divide opiniões até hoje pela sua representação visual do ambiente e elementos de encenação e dramatização.

Algumas técnicas e apelos usados pelos documentaristas da época manipulavam o espaço e o tempo e ajudavam a criar tensão e suspense, além de promover a identificação com os personagens. Dessa forma, os eventos documentados conseguiam capturar o interesse do público que estava habituado à linguagem cinematográfica desenvolvida nos filmes de ficção. Através dessas técnicas, os documentários se tornavam mais envolventes e cativantes, atraindo espectadores que esperavam por experiências cinematográficas similares àquelas encontradas nos filmes de ficção.

Relevante destacar a importância do cineasta e teórico escocês, John Grierson (1898-1972), que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e criação do gênero documentário moderno (Vieira de Jesus, 2008). Ele ficou conhecido por popularizar o termo “documentário” que serve para descrever filmes que busca representar e mostrar a realidade. Entre seus trabalhos, destaca-se o documentário “*Drifters*” (1929), que exhibe um retrato imersivo da vida dos pescadores de arenque, na costa da Escócia. Trazendo um estilo inovador para época, combinando a representação visual com narrativas que revelavam aspectos

profundos da vida cotidiana dos trabalhadores da região, o cineasta ficou conhecido como o pai do gênero documentário.

Grierson acreditava que o documentário deveria ir além de meramente registrar eventos, buscando oferecer uma interpretação profunda e crítica da realidade. Para ele, os documentários precisavam ter um propósito social e educativo, auxiliando o público a compreender e refletir sobre o mundo em que vivem. Dessa forma, Grierson iniciou o documentário como um novo gênero.

[...] [John Grierson], paralelamente ao cinema hollywoodiano, ao expressionismo alemão, à vanguarda francesa e ao cinema revolucionário soviético, formalizou o documentário como um novo gênero, sistematizando, tempos depois, por Paul Rotha e Alberto Cavalcanti, membros da escola documentária inglesa. O documentário não era um filme alternativo à produção ficcional. Foi pensado para formar a opinião pública (Vieira de Jesus, 2008, p. 35).

Os princípios e métodos de Grierson tiveram um efeito marcante na forma como os documentários são criados e compreendidos, estabelecendo normas que ainda influenciam a prática do gênero até hoje. Assim, o cineasta foi um precursor na criação de filmes com uma perspectiva social e crítica. Ele contribuiu para a fundação de diversas instituições dedicadas ao documentário, sendo que seus escritos e teorias sobre o gênero destacam-se por considerar o documentário como uma forma de arte que deveria proporcionar uma visão profunda e reflexiva da sociedade.

Como ressalta Araújo Barbosa, em sua obra “Cinema documentário: uma verdade (in)conveniente” (2009), as ideias de Grierson continuam a ser estudadas e aplicadas por cineastas e acadêmicos, e seu trabalho é amplamente reconhecido como essencial para o desenvolvimento do documentário como um meio de comunicação e expressão.

Grierson, juntamente com Paul Rotha, foram os responsáveis por formalizarem teoricamente o documentário e um método específico. Membros da escola inglesa de documentários, eles tentaram analisar o documentário a partir de uma perspectiva de propagação de valores democráticos em uma sociedade de massa, tentando dar ao cinema um “sentido maior”. Grierson não encarava o cinema documentário em oposição aos filmes ficcionais, mas como a redenção do cinema e a possibilidade de desenvolvimento de um instrumento de promoção da cidadania (Barbosa, 2009, p. 30).

Com o passar do tempo, houve uma grande evolução no desenvolvimento do som sincronizado, da cor e de técnicas avançadas de edição e efeitos visuais. A transição para o digital nas últimas décadas revolucionou ainda mais as projeções

de imagens, permitindo uma qualidade de imagem superior, maior flexibilidade na criação e distribuição de filmes, e uma experiência visual mais imersiva e de maior alcance para o público.

Com o avanço tecnológico e a expansão do meio digital, o campo do documentário tem experienciado transformações profundas. Atualmente, essas mudanças podem ser observadas em várias tendências e nos impactos das inovações digitais sobre a prática documental.

Além da suposição quanto à representação do mundo real por meio de som e imagem, o espectador vai de encontro ao documentário na esperança de que o mesmo funcione como uma “aula de história” e atenda ao seu desejo de saber mais sobre o mundo real (Medeiros; Golçalves, 2019, p. 6).

Ademais, um aspecto marcante das tendências contemporâneas é o surgimento dos documentários interativos. A inovação tecnológica propiciou experiências mais imersivas, permitindo aos espectadores não apenas assistir, mas também interagir com a narrativa de maneira ativa. Dessa forma, o gênero jornalístico documentário teve grande ascensão com a chegada das tecnologias digitais e o advento da internet. Segundo a autora Carla Schwingel, na obra “Ciberjornalismo” (2012), algumas ações nos meados da década de 1990, nos Estados Unidos, como o uso de e-mail e interatividade rápida entre as pessoas já caracterizavam uma evolução editorial e tecnológica nessa área. Nas palavras da autora:

As questões relativas ao uso do e-mail e da interatividade já estavam presentes nos jornais digitais estadunidenses naquele ano, e a utilização da personalização (característica de produtos de uma terceira fase) começava a aparecer em produtos bastante significativos, como no caso de elaborados pelo Mercury Center, pelo Personal Journal do Wall Street Journal e pelo Digital Ink do Washington Post (The Washington...,1995) (Schwingel, 2012, p. 40).

Nesse sentido, os impactos digitais no campo do documentário acabaram facilitando a produção e distribuição e têm democratizado o acesso à criação de conteúdos, permitindo que a realidade de comunidades e indivíduos menos representados ganhem visibilidade.

Assim, os avanços tecnológicos têm desempenhado um papel fundamental na transformação do cinema documentário ao longo dos anos, influenciando profundamente tanto as técnicas de filmagem quanto a forma como os documentários são percebidos e recebidos pelo público. Desde a introdução do som direto, que permitiu uma captura mais autêntica e imersiva dos ambientes e eventos,

até o desenvolvimento de câmeras mais leves e portáteis, essas inovações possibilitaram uma abordagem mais flexível e realista na produção de documentários. Com a chegada da tecnologia digital, os custos de produção e edição foram reduzidos, e a distribuição de filmes se tornou mais acessível, permitindo que um número maior de pessoas tenha acesso a uma ampla gama de documentários (Vieira de Jesus, 2008).

Segundo Barbosa (2009),

Todos os avanços tecnológicos estavam relacionados com o desenvolvimento de técnicas novas e métodos novos de filmar, que acabaram tendo reflexos no domínio do cinema documentário. O som direto tornou-se, em certos casos, uma condição essencial, guiando a própria filmagem, já que o som era parte indissociável do real a ser apreendido. A partir daí, diversas tendências formais e estéticas se desenvolveram com a apropriação da nova aparelhagem técnica, e a questão da interferência ou não do cineasta durante todo o processo de produção do filme se ampliou (Barbosa, 2009, p. 34).

Essas inovações tecnológicas não só elevaram o padrão técnico dos documentários, mas também transformaram a maneira como as narrativas são desenvolvidas e percebidas. Cada avanço tem impulsionado uma constante evolução do gênero, possibilitando aos documentaristas experimentarem novas abordagens para capturar e apresentar a realidade com maior autenticidade.

Portanto, a evolução do gênero documentário é um reflexo das mudanças culturais e tecnológicas do mundo. Segundo Alves, Fontoura e Antoniutti, na obra “Mídia e Produção Audiovisual: uma introdução” (2008), à medida que a tecnologia anuncia uma era de maior facilidade na comunicação, também somos bombardeados por milhares de informações que competem entre elas, em busca de atenção dos espectadores.

A nova infra-estrutura de comunicações criada pela digitalização baseia-se na expansão das tecnologias de informação, que propiciam a convergência entre telecomunicações, mídia e informática, multiplicando a capacidade da transmissão de conteúdos (Alves; Fontoura; Antoniutti, 2008, p. 122).

Nesse contexto, a evolução para câmeras de alta definição e 4K, bem como o uso de drones, trouxe uma clareza e um nível de detalhe que antes não eram possíveis, o que revolucionou as filmagens e as perspectivas da captura da câmera. Plataformas de streaming, como Netflix, Amazon Prime e HBO Max, têm transformado a forma como documentários são distribuídos e consumidos, tornando-se acessíveis a um público mais diversificado, como também influenciando a produção de novos conteúdos. Além disso, pela internet, em plataformas como o

YouTube, ou em redes sociais, as transmissões também ganham um papel significativo, renovando os modelos antes preestabelecidos e popularizando vídeos em formatos mais curtos e diretos.

As projeções de imagens têm sido essenciais tanto para o entretenimento quanto para a comunicação visual. Na educação, a integração entre gêneros jornalísticos — como o documentário — e tecnologias digitais se tornou uma ferramenta essencial para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Os gêneros jornalísticos oferecem uma maneira prática e envolvente de se conectar com temas atuais e aprender a analisar informações criticamente.

Marlon Pires, em “Os gêneros jornalísticos nas aulas de língua portuguesa” (2018), elenca inúmeras vantagens que podem ser elencadas ao se trabalhar com o documentário como um gênero textual/discursivo no ambiente escolar, como: explorar diversas questões relacionadas à sua produção, recepção e impacto cultural; possibilitar o uso de diversas variedades linguísticas; e envolver práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística e semiótica. Além disso, ao introduzir o documentário como parte do currículo educacional e como objeto de ensino, os professores estimulam o pensamento crítico e a reflexão sobre questões importantes.

O ensino de língua portuguesa na escola deve, principalmente, oportunizar o exercício da cidadania, e uma forma de colocar em prática esse exercício é possibilitar ao aluno o contato permanente com os textos que circulam nas diferentes esferas sociais pelas quais transita no seu cotidiano. O jornal, além de veicular o que acontece no momento, possibilita trabalhar diferentes gêneros discursivos, oferecendo, ao leitor, uma pluralidade de discursos capaz de representar a linguagem na sua forma mais legítima de interação. Através do jornal, tem-se um ensino significativo e interessante, uma vez que nele estão contidos textos autênticos e de acordo com a realidade em que a escola está inserida (Pires, 2018, p. 79).

Dessa forma, o uso do gênero documentário não apenas contribui para uma compreensão mais profunda da linguagem audiovisual e das práticas de produção de mídia, mas também oferece oportunidades valiosas para explorar questões sociais, culturais e políticas de maneira acessível.

Utilizar o gênero jornalístico documentário como uma ferramenta de estudo e ensino-aprendizagem em sala de aula, também ajuda a promover o aprendizado acadêmico no Ensino Fundamental preparando os alunos para estarem atentos e críticos às diversas informações que circulam na mídia. Esse pensamento crítico

torna os alunos mais capacitados para compreender e responder aos desafios do mundo moderno, como ressalta Pires (2018, p. 79):

Vivemos em um mundo no qual se faz imprescindível ler e compreender os mais diversos textos que circulam socialmente. Isso requer leitores autônomos e competentes que não apenas decodifiquem textos, mas que estabeleçam relações estruturais e contextuais para compreender e ampliar os sentidos dos diferentes textos.

Como destacam as autoras Poliana dos Santos Silva de Lazari e Eliana Merlin Deganutti de Barros, na obra “Ensino remoto emergencial: uma experiência com a didatização do gênero ‘documentário’” (2020), o documentário tem ganhado destaque como um gênero textual/discursivo de grande importância no campo audiovisual contemporâneo. Sua natureza multissemiótica, que combina elementos verbais, visuais, sonoros e cinematográficos, torna-o uma forma de expressão valiosa que pode ser utilizada de maneira proveitosa no ambiente escolar. Essa variedade de recursos permite que os documentários transmitam informações, que contêm histórias narrativas e que transmitam mensagens de maneira envolvente e impactante.

Um gênero multissemiótico marcado pela articulação de vários elementos semióticos: verbais (escritos ou orais); visuais (imagens estáticas de arquivo, fotos, imagens em movimento gravadas em estúdio, editadas ou in loco); sonoros (músicas, efeitos sonoros, sons ambientes, textos orais ou oralizados); e recursos que compõem a linguagem cinematográfica (enquadramentos, ângulos, cortes, fade in/out, entre outros) (Lazari; Barros, 2020, p. 2).

Assim, a flexibilidade do gênero documentário como forma de arte, expressão, comunicação e como ferramenta de ensino, permite que ele esteja presente nas mais diversas mídias, tendo grande alcance de público. Na televisão, no cinema e na internet, os documentários são facilmente encontrados, abordando os mais diversos temas que são exibidos e compartilhados com o público em geral.

Ademais, o reconhecimento do documentário como um recurso educacional importante já vem sendo tratado pela BNCC (Brasil, 2018), que destaca iniciativas no contexto educacional, tais como o desenvolvimento de habilidades de estudo e pesquisa:

Como já destacado, as práticas que têm lugar nas redes sociais têm tratamento ampliado. Além dos gêneros propostos para o Ensino Fundamental, são privilegiados gêneros mais complexos relacionados com a apuração e o relato de fatos e situações (reportagem multimidiática, documentário etc.) e com a opinião (crítica da mídia, ensaio, vlog de opinião etc.). Textos, vídeos e podcasts diversos de apreciação de produções culturais também são propostos, a exemplo do que acontece no Ensino

Fundamental, mas com análises mais consistentes, tendo em vista a intensificação da análise crítica do funcionamento das diferentes semioses (Brasil, 2018, p. 503).

Observa-se que, muitas vezes, a oralidade na escola é negligenciada em comparação com outras habilidades linguísticas, como a leitura e a escrita. Todavia, a valorização dessa habilidade traz inúmeros benefícios para o processo educacional, como destaca Pires (2018, p. 81):

A escola muitas vezes se preocupa em desenvolver a habilidade escrita dos alunos e acaba deixando de lado o desenvolvimento da oralidade, sendo que esta é muito importante, pois é através da linguagem falada que o ser estabelece relações socioculturais no meio em que vive e se posiciona criticamente, tanto a escrita como a oralidade é importante e merecem ser ensinadas e aprimoradas no ensino da língua portuguesa, pois ambas são competências distintas que possuem características próprias.

A capacidade oral permite que os alunos participem de discussões, expressem ideias e argumentem seus pontos de vista, sendo essa interação social primordial para que exista o pensamento crítico. Então, o gênero jornalístico documentário na escola vem como uma ajuda aos alunos a aprimorarem a capacidade de escuta ativa e a ouvirem com atenção e interesse, o que é essencial para uma boa leitura e compreensão do mundo em diversos contextos sociais.

Segundo o autor, integrar práticas que promovam o desenvolvimento da oralidade no ensino da língua portuguesa faz com que os alunos aprimorem suas habilidades de expressão verbal e também desenvolvam confiança em si mesmos e respeito aos diversos pontos de vista dos mais diferentes assuntos. Dessa forma, trabalhar com gêneros jornalísticos na escola faz com que estudantes e professores reconheçam a importância da oralidade no ensino, e a integrem de forma significativa no currículo, para que, juntamente ao desenvolvimento da habilidade escrita, possam garantir uma formação linguística mais completa aos alunos.

Essa integração de recursos audiovisuais, como é o caso da produção de documentários, oferece uma pluralidade de benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, além de despertar maior interesse dos discentes pelos temas tratados. Utilizar imagens, sons, gráficos e tecnologias na educação pode estimular diferentes sentidos nos alunos, tornando o aprendizado mais envolvente.

Para Alves, Fontoura e Antoniutti (2008), as imagens são um importante recurso a ser trabalhado em sala de aula, pois são interpretações visuais do mundo que rodeia nossas experiências. Emoções podem ser repassadas por meio das

imagens e situações que passariam despercebidas no dia a dia são enfatizadas por meio delas, ou seja, permitem observar e compreender aspectos da realidade de maneira mais clara e precisa.

Assim, ao longo da história até hoje, as imagens desempenham uma importante função como expressão humana.

[...] possibilitam ver algo que normalmente não veríamos. Podemos ainda dizer que a imagem é narrativa. Por mais estática que ela seja, outras tantas são desencadeadas em nossa mente, num movimento frenético de associações. Nossas ideias se constroem a partir de imagens. A imagem é questionadora e sempre tentaremos encontrar uma resposta diante dela. Por último, em uma perspectiva subjetiva e até um pouco poética, ela é o próprio reflexo no espelho, na lente da câmera, da tela, dos olhos, de outro alguém, a imagem é a linguagem da alma (Alves; Fontoura; Antoniutti, 2008, p. 134).

Assim, tanto os gêneros jornalísticos quanto a utilização de tecnologias audiovisuais são importantes ferramentas para o desenvolvimento dos estudantes da educação básica para que haja melhor compreensão midiática e crítica do mundo contemporâneo. É possível oferecer uma linguagem visual multissemiótica para expressar ideias, emoções e tratar de temas complexos de maneira mais simples e compreensível. A tecnologia e a utilização de recursos audiovisuais na educação ampliam as oportunidades de aprendizagem, transformam a maneira como os alunos aprendem e professores ensinam e preparam os alunos para o futuro.

Voltando para a questão das diretrizes, a Base Nacional Comum Curricular reconhece o documentário como importante gênero discursivo a ser trabalhado ao longo de toda a educação básica, como evidenciado pelas múltiplas referências em suas páginas. Essa presença recorrente revela o potencial singular desse gênero para desenvolver competências essenciais previstas no currículo, integrando diferentes linguagens e promovendo uma leitura crítica da realidade. Assim, a BNCC (Brasil, 2018), reconhece a necessidade de os estudantes aprenderem a identificar e trabalhar com diferentes tipos de textos jornalísticos e diferentes tipos de mídias e tecnologias, nas quais o documentário se enquadra. Compreender as características desses gêneros e desenvolver habilidades para analisar criticamente as informações apresentadas é de suma importância devido à grande quantidade de informações que circulam nos diferentes tipos de mídia na atualidade.

Para tanto, há todo um conjunto de competências e habilidades que podem ser desenvolvidas através do estudo e análise desse tipo de produção audiovisual, o que reforça ainda mais a importância de integrar o estudo de documentários no

currículo escolar, para que, assim, possa-se obter novas experiências educacionais, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica do mundo em seu entorno.

As orientações para a disciplina de Língua Portuguesa na BNCC dialogam com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas, em grande parte, ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC):

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (Brasil, 2018, p. 65).

Como vemos, é relevante abordar no ensino questões relacionadas à diversidade cultural, étnica, social, de gênero, reconhecendo a heterogeneidade da língua e combatendo o preconceito linguístico. Nesse sentido, o gênero documentário pode trazer importante contribuição tanto no aprimoramento da formação docente, quanto na formação crítica de estudantes da Educação Básica.

3 METODOLOGIA

Este é um trabalho de pesquisa qualitativa que teve como objetivo entender as percepções sobre a variação linguística em duas escolas da Região Norte catarinense. Para alcançar o objetivo, foram realizadas entrevistas com alunos, professores, gestores, coordenadores, servidores da gerência de educação e com um especialista o professor Carlos Alberto Faraco e, posteriormente, foi produzido um vídeo documentário que serve para também oferecer noções básicas e conhecimentos gerais da Sociolinguística. Para a realização das entrevistas foi elaborado projeto submetido à Plataforma Brasil sob a numeração CAAE 75680123.2.0000.0121, que foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina em 15/12/2023. Os entrevistados assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso de sua fala e imagem.

3.1 CONHECENDO AS ESCOLAS QUE FORAM PESQUISADAS

Uma das escolas escolhidas como objeto de pesquisa é a Escola de Educação Básica Professor Nicola Baptista, situada na cidade de São Francisco do Sul (Santa Catarina) — litoral norte catarinense —, que foi fundada em 1930, e era originalmente localizada na Avenida Atlântica, funcionando inicialmente como Escola Isolada de Enseada. Conforme relatos que constam no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, antes do nome atual — Escola de Educação Básica Professor Nicola Baptista, denominada assim pelo Decreto nº G.P.-20-2-67/6.065 — a instituição ainda se chamou Escola Desdobrada de Enseada, conforme Decreto nº 6.056, de 20/02/1967. O prédio — concluído em 29/02/1968, em terreno doado pelo Sr. Leopoldo Zarling e esposa Lina Zarling — fica em um local de colonização açoriana, onde antigamente era um vilarejo de pescadores. Nesse primeiro momento, a escola tinha como edificação duas salas de aula, duas saletas destinadas à direção e uma varanda de entrada, totalizando uma construção de 127m².

Considera-se a data 23/06/1968 como aniversário oficial da escola, pois foi o dia em que houve sua inauguração. A partir do ano de 1972, houve na localidade um forte impulso de desenvolvimento devido ao turismo e às atividades portuárias, surgindo, assim, a necessidade de uma Escola Básica onde fosse ministrado o

ensino de 1ª a 8ª série do 1º grau. Em 1981, a escola contava com 13 professores e 210 alunos, e, para atendê-los, o prédio foi ampliado com salas de aula, gabinete, secretaria, cozinha, cantina, sanitários, instalação elétrica e hidráulica. Em 17/02/1996, tornou-se a Escola Estadual Professor Nicola Baptista, com turmas de Ensino Fundamental e implantação do 2º Grau, em 01/03/1996.

Curioso saber que o nome que a escola tem hoje originou-se de um professor natural do estado de São Paulo, Professor Nicola Baptista, que nasceu na cidade de São Manuel, em 15 de novembro de 1908. Começou seus estudos no primário do Colégio Estadual Augusto Reis, na mesma cidade de nascimento, e, após sua graduação, lecionou como estagiário em várias escolas isoladas do Estado de São Paulo. Em janeiro de 1941, foi para Santa Catarina, ingressando no cargo de professor normalista, por Decreto do dia 24 de janeiro de 1941, tomando posse do cargo no dia 30 do mesmo mês, no Grupo Escolar Tereza Ramos, da cidade de Corupá-SC.

Designado para exercer a função como diretor, mudou-se para o Grupo Escolar Felipe Schmidt, na cidade de São Francisco do Sul. Em 1948, foi nomeado para o cargo de Inspetor Escolar da 26ª Circunscrição Escolar, onde se aposentou. O professor Nicola Baptista, como foi conhecido, continuou ministrando, à juventude francisquense, conhecimentos básicos que formaram as gerações de jovens professores, demonstrando, assim, sua dedicação e o amor à carreira idealista de professor. Faleceu em 24/06/1986, na cidade de Joinville, e foi sepultado no dia 25/06/1986, em São Francisco do Sul.

Atualmente, a escola é dirigida por Darcy Fátima Cardoso, contando com 776 alunos matriculados nos Ensinos Fundamental e Médio. Funciona no sistema anual e atende a dez turmas de Ensino Fundamental I, oito turmas de Ensino Fundamental II, e 11 turmas de Ensino Médio, sendo quatro turmas do Novo Ensino Médio e duas turmas de Atendimento Educacional Especializado, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

A instituição conta ainda com 53 professores, um diretor de escola, dois assessores de direção, um assistente técnico-pedagógico, uma orientadora educacional, cinco professores readaptados, atuando no apoio administrativo e pedagógico, e duas assistentes de educação.

A segunda instituição onde foi realizada a pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Médio Senador Luiz Henrique da Silveira, que está localizada na Rua Iolanda

Porcena Adão, nº 395, Bairro Itinga, Araquari-SC. É mantida pelo Estado de Santa Catarina e administrada pela Secretaria de Estado da Educação. Trata-se de uma unidade escolar recentemente criada (inaugurada em 18/12/2018) e credenciada através da Lei nº 1.275, de 06/08/2014, parecer nº 247, de 13/12/2016, portaria nº 378, de 09/05/2016, decreto nº 1.050, de 07/02/2017.

A cidade de Araquari faz divisa com Joinville e abriga grandes indústrias e multinacionais, como a DURIN e a BMW. A construção da escola — projetada para atender alunos do Ensino Médio — foi necessária, já que a mais próxima da região não suportava mais a demanda provocada pelo alto grau de crescimento populacional do bairro Itinga.

A E. E. M. Senador Luiz Henrique da Silveira, apesar do pouco tempo de atuação, vem se destacando por projetos colocados em prática, como Cidadão do Bem, Teatro, e também por atender aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, mesmo sendo idealizada para atender ao Ensino Médio.

A população da região do Itinga vem se formando, principalmente, por famílias de imigrantes que vêm, além de outros municípios de Santa Catarina, de outros estados das várias regiões do Brasil, e também, em alguns casos, de outros países. A maioria vem em busca de emprego em função do crescimento industrial e comercial no município de Araquari, além do fácil acesso a municípios de Joinville e de São Francisco do Sul, que oferecem variadas opções de lazer, comércio, serviços e oportunidades de emprego. O forte crescimento do mercado imobiliário local com o surgimento de vários loteamentos também favorece a esse crescimento populacional, que tem se destacado em comparação aos outros municípios de Santa Catarina. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, Araquari é, na atualidade, o município que tem o maior crescimento populacional relativo (percentual) no estado. Próximo à escola, há creche infantil, hipermercado, unidade de pronto atendimento, farmácia e um amplo centro comercial que vem crescendo a cada ano.

O nome da instituição se refere a uma homenagem a Luiz Henrique da Silveira, advogado e político brasileiro, que se destacou na vida pública como Prefeito de Joinville, Governador de Santa Catarina, Senador por Santa Catarina e Ministro da Ciência e Tecnologia.

Segundo dados estimativos fornecidos pelo PPP da escola (coletados no IBGE de 2020), e também pela Secretaria Municipal de Araquari, a cidade é

considerada como um município emergente, uma vez que, a cada censo, vem se destacando sempre nas primeiras colocações do ranking estadual. Conta com uma população total de 39.524 habitantes, sendo que, no bairro Itinga, residem 24.504 moradores, sendo apenas 10% antigos da região. 90% dessa população são moradores que, nos últimos anos, migraram de outras regiões do país em busca de emprego e novas oportunidades de vida.

A situação de boa parte das famílias está aquém de suas necessidades básicas, pois apresentam dificuldades financeiras em função do baixo salário recebido. A maior parte dos moradores possui uma conta bancária na condição de conta-salário. Quanto a plano de saúde, apenas 15% têm acesso a este benefício, conforme consta no PPP.

Os membros dessas famílias, em sua maioria, têm baixa escolaridade e profissões relacionadas a atividades operacionais, sendo que as mulheres, além dos serviços operacionais, trabalham também como diaristas em suas horas de folga. Devido às condições financeiras, poucos são os que dispõem de internet nos lares. Quanto à etnia, a maior parte da população é composta por brancos e negros. As famílias participam de grupos religiosos, associação de moradores e reuniões escolares, porém, em função da qualidade de vida que levam, realizam essas atividades de forma bastante limitada.

A escola tem como meta principal melhorar o rendimento escolar de seus estudantes, e, para isso, executa diversas ações que se estendem a todas as áreas, abrangendo desde os agentes de serviços gerais até o administrativo.

Uma das ferramentas chave para estimular o rendimento escolar são as tecnologias, que despertam o interesse e melhoram os resultados escolares. A escola possui boa infraestrutura, com computadores, biblioteca e espaços para esporte e teatro.

O corpo docente da E. E. M. Senador Luiz Henrique da Silveira é constituído de 90% dos profissionais com licenciatura plena e pós-graduação em sua respectiva área; e 10% estavam cursando uma licenciatura no momento da pesquisa. Do ponto de vista da estrutura física, as condições de trabalho desses profissionais são boas, haja vista que se trata de um prédio novo com todo o espaço físico necessário.

3.2 PERGUNTAS AOS ENTREVISTADOS

As entrevistas foram feitas em quatro blocos:

- 1) Entrevistas com cinco alunos de cada escola;
- 2) Entrevistas com cinco servidores (professores, gestores e funcionários) de cada escola;
- 3) Entrevista com um representante da Secretaria Estadual de Educação e da Gerência Regional;
- 4) Entrevista com um especialista em Sociolinguística.

Questões aplicadas nas entrevistas com os estudantes¹:

- 1) Você é de onde e de onde são a maioria dos seus colegas?
- 2) O que é variação linguística para você?
- 3) Você acredita que existe uma só língua no Brasil? Por quê?
- 4) Como você percebe a diversidade linguística no espaço escolar?
- 5) A variação linguística costuma ser tratada nas aulas de Língua Portuguesa? E nas aulas das demais disciplinas?
- 6) Você já presenciou algum caso de preconceito linguístico? E como foi?
- 7) Você já ouviu a expressão de que o brasileiro não sabe falar português? O que quer dizer isso? Acha que é verdade?
- 8) Você acha o português uma língua difícil? Por quê?
- 9) Existem pessoas que acreditam que aqueles que não têm instrução falam tudo errado. O que você acha disso?
- 10) Existe uma maneira correta de escrever ou falar? Acredita que o certo é falar como se escreve?
- 11) Acredita que é preciso saber gramática para falar e escrever bem?

Questões aplicadas nas entrevistas com os professores:

- 1) O que é variação linguística para você?
- 2) Como você aborda a variação linguística em sala de aula?
- 3) Como aparece a variação linguística nos livros didáticos com os quais você trabalha?

¹ As questões para as entrevistas foram inspiradas especialmente nas discussões trazidas nas obras de Faraco (2008) e Bagno (2013).

- 4) Na relação entre os alunos, há casos de bullying relacionados ao preconceito linguístico na sala de aula? E como isso é trabalhado para melhorar?
- 5a) Você nasceu aqui? (Se não) Na relação com os alunos ou colegas de trabalho que são nativos, percebe se há preconceito linguístico por parte deles?
- 5b) Você nasceu aqui? (Se sim) Na relação com os alunos ou colegas de trabalho que vêm de fora, percebe se há preconceito linguístico por parte deles?
- 6) Você acredita que existe uma só língua no Brasil? Por quê?
- 7) Você já ouviu a expressão de que o brasileiro não sabe falar português? O que quer dizer isso? Acha que é verdade?
- 8) Existem pessoas que acreditam que aqueles que não têm instrução falam tudo errado. O que você acha disso?
- 9) Existe uma maneira correta de escrever ou falar? Acredita que o certo é falar como se escreve?
- 10) Acredita que é preciso saber gramática para falar e escrever bem?
- 11) Você acredita que a faculdade nos prepara para abordar a variação linguística em sala de aula? Você teve a disciplina de Sociolinguística na graduação?
- 12) E nas formações continuadas que você frequenta anualmente, como a variação linguística é abordada?

Questões aplicadas nas entrevistas com os gestores (diretores, auxiliares de direção):

- 1) Sabendo que há muitos professores da escola que não são nativos da região, como você percebe a relação entre professores e alunos ou professores e colegas de trabalho? Acredita que haja preconceito linguístico por parte deles?
- 2) Na relação entre os alunos, há casos que chegam à direção, de bullying relacionados a preconceito linguístico? E como isso é trabalhado para melhorar?

Questões aplicadas nas entrevistas com os funcionários (secretários):

- 1) Você percebe que tem havido aumento de matrícula de pessoas vindas de outros estados, ou até de outros países?
- 2) Na sua opinião, por que essas pessoas estão vindo morar/estudar aqui no bairro?
- 3) Acredita que a comunidade recebe bem essas pessoas?

4) Você percebe alguma forma de preconceito com a pessoa de fora, especialmente relacionada a seu jeito de falar, que é diferente do nativo?

Questões aplicadas nas entrevistas com o responsável pela Secretaria Estadual de Educação:

- 1) O que é abordado na formação dos professores de Língua Portuguesa no Estado?
- 2) A Secretária de Estado da Educação (SED) traz materiais que abordem a variação linguística nas escolas? Se sim, de que forma a variação linguística é abordada?
- 3) É oferecido às unidades regionais algum material didático que aborde especificamente a variação linguística e o preconceito linguístico?
- 4) Percebe queixas de gestores ou de unidades escolares, referente ao preconceito linguístico?

Questões aplicadas nas entrevistas com o especialista:

- 1) O que é variação linguística?
- 2) Você acredita que existe uma só norma linguística que deve ser seguida no Brasil?
- 3) Existe uma maneira correta de escrever ou falar?
- 4) O que é a Pedagogia da Variação Linguística?
- 5) Como ela pode ser abordada na capacitação dos professores?
- 6) O que poderia ser feito para evitar o preconceito linguístico e o bullying nas escolas?
- 7) Acredita que o domínio da norma-padrão seja um instrumento de ascensão social?

3.3 SOBRE O DOCUMENTÁRIO

Para a realização do documentário, foram entrevistados dez estudantes maiores de 18 anos, seis professores, cinco servidores públicos, e três representantes da Secretaria Estadual de Educação, abordando questões relacionadas ao preconceito linguístico, e à diversidade linguística. Além disso, foi realizada uma entrevista com o autor e especialista da área da Sociolinguística, o professor Carlos Alberto Faraco, para compor o documentário.

Para realizar as filmagens, foram necessários equipamentos de áudio e vídeo. Foi utilizada uma câmera Nikon Coolpix p 1000, que possui um sensor CMOS iluminado na parte traseira de 16 MP, além de uma lente NIKKOR, embutida com uma faixa de distância focal, equivalente a 35 mm, de 24-3000 mm, com zoom digital Dynamic Fine 250 x. O monitor é de LCD, de 3,2 vari-ângulo, que faz gravação em 4K UHD vídeo a 30 ou 25 qps, e o microfone é externo, por meio de um conector de 3,5 mm.

Além disso, contou-se com uma câmera Canon T3i, que possui uma lente Canon IS II EF-S 18-55 mm, bateria LP-E8, cartão de memória SD/SDHC/SDXC, sensor CMOS de 18 MP (APS-C), processador de Imagem DIGIC 4, com captura nos formatos JPEG, RAW e RAW+JPEG de alta resolução, gravação dos vídeos em full HD, MOV a 1920x1080/30p/24 p. O visor LCD é de cristal líquido giratório de 3 polegadas e o sensor é CMOS APS-C, de 18 Megapixel. As duas câmeras são DSLR, com lentes 28 mm/55 mm e 100 mm/300 mm, sendo que as captações de imagens foram realizadas com resolução em Full HD 1.080 linhas horizontais.

Para a iluminação, foram utilizados dois spotlights, com lâmpadas de LED brancas e amarelas, de 50 watts. Além disso, foram usados dois difusores, um *smartphone* para auxílio e backup na captação dos áudios, um tripé para a iluminação e um tripé para a câmera principal.

Para as imagens aéreas, foi usado um drone DJI, com 246 g de peso padrão da aeronave, incluindo a bateria de voo Inteligente, hélices e um cartão micro SD. As dimensões da aeronave sem hélices são de 138x81x58 mm. A velocidade máxima de ascensão é de 5 m/s e a velocidade máxima de descensão é de 3,5 m/s. A Velocidade máxima horizontal ao nível do mar, sem vento, é de 16 m/s dependendo do local.

Ademais, a altitude máxima de decolagem é de 4.000 m, sendo 2000 m ao decolar com os protetores de hélices. A duração máxima de voo é de 31 min. A aeronave tem resistência máxima ao vento de 10,7 m/s (nível 5), com ângulo

máximo de arfagem de 40°. O sistema global de navegação é feito via satélite GPS+GLONASS+Galileo.

O drone tem sistema de captação de imagens que utiliza câmera com sensor de CMOS de 1/2,3". Os pixels efetivos são de 12 MP, sendo a lente de campo de visão em 83°, com formato equivalente a 24 mm e abertura em f/2.8. O foco é de 1 m a infinito, com o alcance do ISO de 100-3200 para vídeo e para foto, com velocidade do obturador eletrônico de 4 - 1/8000 e dimensões máximas de imagens de 4000×3000. O modo de fotografia com disparo único é de 12 MP, com temporizador de 12MP JPEG: 2/3/5/7/10/15/20/30/60 + RAW: 5/7/10/15/20/30/60. A variação da exposição automática (AEB) é de 12 MP, 3 quadros a 2/3 EV, sendo a panorâmica esfera, 180° e grande-angular em formato de foto JPEG/DNG (RAW).

As resoluções de vídeo da câmera da aeronave são de 2,7K: 2720×1530, com FHD: 1920×1080 a 24/25/30/48/50/60 fps. O formato de vídeo é MP4 (MPEG-4 AVC/H.264), e a taxa de bites máxima do vídeo é de 40 Mbps. O sistema de arquivo suportado é o FAT32 (≤32 GB) exFAT (>32 GB), com zoom digital de 2,7K: 3×. Além disso, o FHD é de 4×, com modo de cores normal. Os modos de QuickShot são dronie, hélice, foguete, órbita e boomerang. A estabilização mecânica é triaxial (inclinação, rotação, giro), tem alcance mecânico de inclinação de -110° a 35° e rotação de -35° a 35°. O giro é de -20° a 20°, e alcance controlável de inclinação é de -90° a 0° (padrão) e -90° a 20° (estendido). A velocidade máxima controlável (inclinação) é de 100°/s e o alcance da vibração angular é de ±0,01°.

Na parte da pós-produção, foi utilizado um computador com ilha de edição não linear para edição de imagens, Mac Mini-pro (Apple). O processador é um Intel Core i5 de oitava geração, memória RAM de 8 GB DDR4 expansível até 64 GB (o armazenamento em SSD é de 256 GB, sendo possível chegar aos 2 TB). Tem placa de vídeo integrada Intel UHD Graphics 630 e suporte ao 4K. Suas dimensões são 19,7x3,6x19,7 cm (LxAxP), com peso de 1,3 kg. Com relação às interfaces, o aparelho tem conectividade Wi-Fi e Bluetooth, entrada RJ-45 para conexão via Ethernet, saída de áudio 3,5 mm, quatro USB-C com Thunderbolt 3, uma saída HDMI 2.0 e duas portas USB-A 3.0. O software utilizado para edição foi o Final Cut pro.

O Final Cut Pro oferece edição de vídeo não linear e não destrutiva de qualquer formato de vídeo compatível com o QuickTime, incluindo formatos de filme compatíveis com DV, HDV, P2 MXF (DVCPHD), XDCAM (via plug-in), 2K, 4K, 5K,

8K e também importações de projetos do iMovie para iOS e iPadOS. Suporta uma quantidade ilimitada de faixas (trilhas) de vídeo; faixas de áudio ilimitadas; edição multi-câmera para cortes de vídeo de múltiplas fontes; edição de vídeo 360°, assim como efeitos como ondulação, rotação e alteração de tempo. Possui uma gama de efeitos de transição em três dimensões, além de filtros de áudio e vídeo, como correção de cores e remoção de chiados e estouros.

O roteiro do documentário, que se encontra no Apêndice B desta dissertação, traz a temática da variação linguística e teve a finalidade de gerar uma discussão sobre a realidade sociolinguística dentro do ambiente escolar de duas unidades de ensino, situadas no norte catarinense, conforme apresentado nas seções anteriores.

Essa obra audiovisual tem o tempo aproximado de 45 minutos e tem o objetivo de ser exibida na semana de capacitação dos professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina (na cidade de São Francisco do Sul) em 2026. Além disso, servirá como material para ser utilizado em sala de aula para trazer à tona o tema da variação linguística, o gênero documentário, e gerar discussões sobre a realidade sociolinguística dentro do ambiente escolar.

Mesmo tendo um roteiro escrito, um dos primeiros passos na parte prática da produção do documentário é escolher as pessoas que serão entrevistadas. Para tanto, foi necessário observar e investigar quem seriam os possíveis participantes. Em uma pré-seleção, optei por escolher os professores de Língua Portuguesa, diretores escolares, secretários, servidores da Secretaria de Educação, alguns alunos que fossem maiores de idade e, por fim, um especialista da Sociolinguística. Depois de selecionar os entrevistados, a próxima tarefa foi garantir a autenticidade das informações que eles apresentaram. Foi crucial manter um olhar crítico e contextualizar as histórias, verificando a veracidade das declarações sem desprezar a narrativa pessoal de cada um.

Outro fator importante é o espaço onde foram feitas as entrevistas, sendo que a criação de um ambiente favorável também foi um desafio significativo. Para garantir boas sonoridades (entrevista gravada em áudio e vídeo), é necessário um ambiente no qual o entrevistado se sinta à vontade. Além disso, interferências externas, como entrada e saída de pessoas e barulhos, são prejudiciais e acabam tirando a atenção dos participantes. Assim, foi fundamental criar um clima de segurança e estabelecer uma sintonia em que os entrevistados se sentiram à

vontade para dar os relatos de maneira sincera, o que pode ser particularmente difícil em algumas situações.

Para que tudo ocorresse da melhor maneira possível, foi preciso não apenas empatia, mas também habilidades interpessoais bem desenvolvidas. Por isso, optei em conversas descontraídas que não abordassem diretamente o tema enquanto preparava o equipamento para a captação das imagens. Isso fez com que a pessoa não se chocasse com as câmeras e iluminações ao entrar no ambiente da entrevista e tornasse o ambiente mais favorável para a captação de boas sonoridades.

Além dos aspectos emocionais, os elementos técnicos não podem ser ignorados. A qualidade do áudio e da imagem é fundamental para a integridade do documentário. Problemas como ruídos indesejados ou iluminação inadequada podem prejudicar todo o trabalho realizado. Por isso, a preparação técnica e a verificação prévia dos equipamentos foram parte essencial no processo das entrevistas.

O tempo foi outro fator relevante a ser considerado. Com a necessidade de abordar uma ampla gama de tópicos, foi necessária muita atenção para não ser repetitivo ou insistir em perguntas às quais ficou notável que, por algum motivo, o participante não quis responder. Para isso, a agilidade na montagem dos equipamentos e o foco nas perguntas foram de suma importância, o que assegurou que as conversas se desenrolassem de maneira produtiva, sem perder a essência do que estava sendo discutido. Simultaneamente, foi importante respeitar o ritmo de cada entrevistado, evitando que a pressa compromettesse a profundidade das respostas.

As duas escolas em que fizemos a captação das entrevistas têm realidades distintas, incluindo o fato de que uma fica em uma região litorânea e a outra em um centro industrial. Nos dois casos, a escola é um ambiente com excesso de ruídos, vozes e barulhos que acabam prejudicando a captação audiovisual. Mas, por outro lado, esse som de fundo utilizado da maneira correta pode ajudar a caracterizar o ambiente e enriquecer o documentário, mostrando de maneira sucinta e proveitosa a diversidade e a vida no ambiente escolar.

4 RESULTADOS

A cidade de São Francisco do Sul fica no litoral norte catarinense e é cercada por lindas praias. Tem o turismo e o porto como atividades principais para movimentar a economia, trazendo uma série de benefícios econômicos, sociais e culturais. A atividade turística gera empregos, tanto diretos quanto indiretos. Hotéis, restaurantes, lojas e serviços locais se beneficiam do fluxo de visitantes, criando oportunidades de trabalho para os moradores da região. Isso, por sua vez, contribui para a melhoria da qualidade de vida da população local e faz com que haja grande migração de pessoas em busca de trabalhos temporários no verão, e que, futuramente, acabarão se instalando e ficando definitivamente na região.

Culturalmente, o turismo ajuda a revitalizar a identidade local. A interação entre visitantes e moradores permite a troca de experiências e o fortalecimento das tradições regionais. Festivais, feiras de artesanato e eventos culturais tornam-se mais frequentes, atraindo não apenas turistas, mas também promovendo a valorização da cultura local e da realidade sociolinguística.

A cidade, que tem população de 52 mil habitantes segundo o último censo do IBGE (2022), conforme o site da prefeitura municipal (História, 2025), no verão, triplica esse número, aumento frenético e desordenado que traz desafios à infraestrutura da cidade. Com esse gigante aumento populacional temporário do verão, muitos visitantes acabam gostando do lugar e se instalando permanentemente na região. Familiares desses trabalhadores temporários acabam migrando com seus filhos e são matriculados na rede pública de ensino, como relatam os entrevistados do documentário em seus depoimentos para a obra audiovisual.

O intenso fluxo migratório não só altera a composição demográfica de uma região, mas também traz diversidade linguística para as escolas. Segundo Bagno (2013), há uma tendência a desvalorizar qualquer expressão linguística que não se encaixe nos moldes tradicionais da gramática normativa, gerando preconceito. Um exemplo disso é o rotacismo, fenômeno fonético, que substitui o som do "L" pelo "R" em encontros consonantais, como em palavras como "Craudia" (Cláudia), "chicrete" (chiclete) e "praca" (placa). Essas variações são frequentemente estigmatizadas e até associadas erroneamente a deficiências intelectuais, apesar de serem fenômenos fonéticos naturais e historicamente presentes na evolução da língua

portuguesa, inclusive contribuindo para a formação da norma padrão. Essa discriminação linguística reflete uma visão limitada da língua, que ignora sua dinâmica e diversidade. As variações fonéticas, longe de serem "erros", são processos linguísticos legítimos e cientificamente explicáveis.

Uma das primeiras entrevistas deste trabalho, realizada na Cidade de São Francisco do Sul, na Escola Estadual Professor Nicola Baptista, foi com a secretária da escola, Marizete Heine Farias, que veio do oeste catarinense em busca de novas oportunidades e qualidade de vida. Dona Marizete fornece informações sobre a origem dos estudantes da escola, ainda que de maneira breve sem estender a discussão. Ela percebe que tem havido aumento no número de matrículas de pessoas vindas de outros estados:

“De outros estados, bastante, principalmente de Rondônia, Bahia, Acre.” (Marizete, secretária da escola).

Quando um entrevistado se retrai durante uma entrevista, isso pode ser um sinal de várias situações. Pode refletir uma falta de conforto ou segurança em compartilhar suas experiências, ou até mesmo timidez. Por isso, deixei a secretária o mais à vontade possível, para responder em seu tempo. Passei a utilizar apenas uma câmera em um tripé e um ponto de iluminação, e, assim, o equipamento reduzido ajudou a servidora a ficar mais à vontade para responder às perguntas.

O fato de já trabalharmos juntos também foi algo que ajudou bastante. Decidi realizar a entrevista em seu ambiente, onde ela trabalha todos os dias, para criar um espaço mais confortável. Lugar em que ela pudesse sentir-se à vontade para falar de maneira mais espontânea, sem que houvesse maior monitoramento na fala.

Quando lhe pergunto se as pessoas que vêm até a secretaria da escola chegam a relatar o motivo que buscam essa migração, ela responde:

“Eu sempre pergunto para os pais o que lhes trouxe até São Francisco, geralmente eles dizem trabalho, uma melhor condição de trabalho, de moradia, o clima, o tempo, a cidade em si, que é aconchegante. Eu, por exemplo, sou suspeita pra falar, eu adoro São Francisco.” (Marizete, secretária da escola).

A fala da secretária Marizete traz alguns caminhos para começar a entender a realidade sociolinguística de São Francisco do Sul, indicando como a língua opera como espelho das dinâmicas sociais e identitárias da região. Quando ela relata que os migrantes mencionam "trabalho, uma melhor condição de trabalho, de moradia, o clima, o tempo, a cidade em si, que é aconchegante", estamos diante não apenas de

motivações geográficas ou econômicas, mas de elementos que se refletem no repertório linguístico da comunidade. A forma afetiva como descreve a cidade, "eu adoro São Francisco", indica sua forte identidade com o local E o comentário "sou suspeita pra falar" revela orgulho por essa identidade. A fala de Marizete não explicita preconceito, mas a pergunta "o que lhes trouxe até São Francisco?" revela um olhar curioso sobre as pessoas que vêm de fora. Esse tipo de interação dialoga com os estudos de Bortoni-Ricardo (2004) sobre o êxodo rural e os processos de urbanização no Brasil. A autora demonstra como os fluxos migratórios são motivados pela busca de melhores condições de vida, mas muitas vezes os migrantes se deparam com barreiras invisíveis, entre elas o preconceito linguístico velado.

As perguntas para Marizete foram relacionadas às matrículas de alunos vindos de fora do estado, mas também serviram para saber mais sobre a entrevistada, pois tal tema faz parte da sua realidade. Ela também veio para a cidade em busca de novas oportunidades e qualidade de vida.

Outro entrevistado do corpo administrativo, assistente técnico pedagógico, e também pedagogo e professor do ensino Fundamental, foi Samuel Lourenço. Ele veio da cidade de Itajaí em busca de qualidade de vida e é de suma importância na escola, pois atende tanto os alunos quanto professores e pais. Apesar do pouco tempo na cidade, ele já conhece bem a comunidade e também passou pelos mesmos desafios em relação à sua variedade local.

"A gente ouviu muito sobre os venezuelanos, haitianos. Na escola anterior que eu trabalhava, a gente tinha bastante venezuelano. Eu, esse ano, recebi já três alunos de estados diferentes. Um é de Porto Velho, um do Mato Grosso e a outra do Pará." (Samuel, assistente técnico pedagógico).

Mesmo antes de ligar os equipamentos, em conversa informal, Samuel relatou uma série de desafios significativos decorrentes do modo como fala. Ressaltou que a falta de compreensão mútua entre pessoas de diferentes regiões é recorrente, já que diferenças em vocabulário, pronúncia e gramática podem levar a mal-entendidos.

Samuel também destacou que essas variedades e expressões utilizadas em determinadas regiões litorâneas, que se distinguem da língua portuguesa formal, muitas vezes estão associadas a uma fala desprestigiada, o que pode gerar preconceitos. Também destaca que a escola enfrenta um grande desafio para

atender a alunos que falam diferentes variedades, o que pode impactar na inclusão e na aprendizagem.

Samuel relatou os desafios e as dificuldades com preconceitos linguísticos sofridos tanto por ele quanto por alunos e professores no ambiente escolar. Quando eu lhe pergunto se existe preconceito linguístico no ambiente escolar, ele não hesita em responder que há, mesmo que, muitas vezes, de maneira velada:

“As pessoas, no geral, elas têm preconceito sim, principalmente com os nordestinos, o pessoal da Venezuela também, dá para sentir, os haitianos também, a gente sente assim, talvez não diretamente, mas aquele preconceito velado da mesma maneira que tem um preconceito racial, que a gente diz que não tem, não tem, mas existe sim.” (Samuel, assistente técnico pedagógico).

A fala de Samuel Lourenço revela como marcas linguísticas se tornam vetores de preconceitos sociais, ainda que velados, especialmente contra grupos migrantes específicos como nordestinos, venezuelanos e haitianos.

Apesar de reconhecer a existência desse preconceito, Samuel não compactua com tal visão sobre a língua. Essa postura dialoga com a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004) sobre o continuum rural-urbano, que mostra como os falantes negociam seus repertórios linguísticos em contextos urbanos sem abandonar suas raízes. Samuel parece ocupar um lugar nesse continuum: embora atue como assistente pedagógico, espaço onde a existe maior monitoramento da fala, ele não nega a legitimidade de outras variedades, incluindo a sua.

A fala de Samuel sobre o preconceito linguístico velado contra migrantes nordestinos, venezuelanos e haitianos encontra forte respaldo teórico em Faraco (2015), que argumenta que o preconceito linguístico não é um fenômeno isolado, mas está profundamente ligado a estruturas sociais mais amplas de discriminação, como racismo. O autor destaca que as variedades linguísticas são frequentemente estigmatizadas não por questões linguísticas em si, mas por associarem-se a grupos sociais marginalizados.

Quando Samuel compara o preconceito linguístico ao racial, ecoa a ideia de Faraco de que a língua opera como um sinalizador de identidade, sendo usada para excluir ou inferiorizar certos falantes. Ele percebe isso na prática quando nota que o preconceito não é declarado, "talvez não diretamente, mas se manifesta em atitudes sutis" o que Faraco chamaria de "hierarquização implícita" das variedades linguísticas.

Samuel também enfatizou a importância na preservação cultural e concordou quando indaguei sobre a importância de promover uma abordagem inclusiva que valorize a diversidade linguística e cultural no ambiente escolar.

Percebi que ele, mesmo presenciando preconceitos que se evidenciam por meio da fala, particularmente recebe esses comentários sem se ofender. Ele utilizou o seu modo de falar e suas experiências na cidade para exemplificar o preconceito que, muitas vezes, aparece por meio de brincadeiras:

“Eu falo arrastado, né, eu falo tipo manezinho da ilha, porque eu sou de Itajaí, então eu falo bem peixeiro, bem puxado. As pessoas acabam falando do jeito da gente de falar. Mesmo que seja no tom de brincadeira, mas tem essa conotação, meio preconceituoso. Talvez a das pessoas que são da área litorânea, que são tidos como mais, não trabalham, são mais malandros, só querem praia, água fresca, então pega um pouquinho desse lado.” (Samuel, assistente técnico pedagógico).

O depoimento de Samuel revela o estigma que pesa sobre certas variedades linguísticas, o que pode ser teoricamente aprofundado em Faraco (2015) e Bortoni-Ricardo (2004). Seu relato ilustra como variedades linguísticas são hierarquizadas socialmente, associando-se a estereótipos que ultrapassam a língua e atingem a identidade dos falantes.

Faraco (2015) argumenta que o prestígio linguístico é uma construção social, vinculada a grupos dominantes urbanos, escolarizados, de classes média e alta, enquanto variedades rurais ou periféricas são estigmatizadas. No caso de Samuel, seu sotaque "peixeiro" que é típico do litoral catarinense é alvo de brincadeiras que reforçam estereótipos sobre os habitantes do litoral: "malandros", "só querem praia". Na mesma direção, Bortoni-Ricardo (2004) destaca que o preconceito linguístico não está apenas nas formas linguísticas em si, mas na avaliação social dos grupos que as usam. A autora também ressalta que a avaliação positiva ou negativa de uma variedade depende do contexto e do poder simbólico dos falantes.

Outra entrevistada foi a diretora da escola Nicola Baptista, Roberta Buruti. Eu tinha grande expectativa em entrevistá-la, pois Roberta é natural da Região Nordeste do país e trabalhou em diversas escolas como orientadora escolar atendendo alunos. Na região Sul do país, variantes típicas do nordeste brasileiro podem ser rejeitadas ou ridicularizadas por conta de uma combinação de fatores sociais, históricos e ideológicos, conforme Faraco (2015) e Bortoni-Ricardo (2004). Essa desvalorização pode criar um impacto emocional significativo, fazendo com

que alunos, professores e servidores públicos, independentemente dos cargos que ocupam, sintam-se restringidos em sua identidade cultural e linguística.

A entrevista foi realizada na sala da direção da escola e a gestora ressaltou que o preconceito linguístico é recorrente no ambiente escolar, porém dificilmente as pessoas formalizam reclamações sobre o assunto. Ela destaca que, muitas vezes, esse preconceito é velado e surge como forma de brincadeiras ou comentários maldosos.

Roberta pontua que a diversidade encontrada no ambiente escolar no território nacional pode gerar inclusive mal-entendidos, mas essas diferenças no modo de falar são o reflexo das particularidades culturais, históricas e sociais de cada região:

“Tem a questão cultural que a gente se depara, que é totalmente diferente não só a língua, mas também a cultura. A fala causa alguns transtornos, quando vamos fazer uma compra, ou quando estamos na rua... Então, a forma de falar é diferente, tem esses transtornos, mas é normal, culturas diferentes, formas de falar diferentes, e dentro do mesmo país.” (Roberta, gestora).

Roberta, por mais que se mostrasse incomodada com os preconceitos sofridos, sempre ressaltou a importância de promover a educação para a cidadania e o respeito à diversidade. Essa postura incentivou iniciativas, como promover o diálogo, a empatia e a resolução pacífica de conflitos para ajudar a transformar momentos de preconceito em oportunidade de aprendizado e respeito. A servidora faz parte do Núcleo de Políticas de Educação e Prevenção (NEPRE), que faz atendimentos para lidar com violências na escola. Mestre em Educação e bolsista de doutorado pela CAPES, mostra-se sempre muito aberta ao diálogo.

Outro entrevistado foi o professor e jornalista Juliano Reinerd, que se mostrou muito animado em participar e dividir sua bagagem e experiências pessoais sobre o tema. Diferentemente dos outros entrevistados, Juliano tem como primeira graduação o curso de Comunicação Social — Jornalismo. Trabalhou em vários meios de comunicação, como jornal e televisão, e depois cursou Letras e se tornou professor de Língua Portuguesa.

O professor resalta a importância da Sociolinguística nos cursos de graduação, e enfatiza que é uma área do conhecimento fundamental, principalmente nos cursos de Letras e Pedagogia, pois permite uma compreensão profunda das relações entre língua e sociedade. O professor destaca que o conhecimento em Sociolinguística pode oferecer aos alunos a oportunidade de perceber e valorizar a

diversidade linguística. Enfatiza também que tais valores são importantes em contextos de países com grande extensão territorial e múltiplas culturas, como o Brasil:

“No curso de graduação em Letras, eu tive contato com a variação linguística, e eu acho fundamental! Tem muitos alunos que entram no curso de Letras com essa ideia de que o único português válido é o padrão, só que eu acho que é preciso mais, precisa ter o conhecimento dos regionalismos, de como ter uma noção da Sociolinguística... e trabalhar mais afincado a Sociolinguística aplicada em sala de aula, porque a dinâmica de uma sala de aula é muito particular, se for comparar com a dinâmica de uma sociedade, de como a sociedade encara esse assunto.” (Juliano, professor).

Professor Juliano destacou como sua experiência no curso de Letras representou uma transformação fundamental em sua formação docente: a superação da visão prescritivista que considera a norma-padrão como "única variedade válida", em contraste com a rica diversidade linguística brasileira. Essa reflexão crítica encontra embasamento no texto de Paza e Görski (2024), que defendem a adoção de uma abordagem sociolinguística crítica na formação de professores.

Outro professor entrevistado foi Felipe Carlos, que Leciona Língua Portuguesa na escola Senador Luiz Henrique da Silveira na cidade de Araquari. O professor enfatiza que a variação linguística é uma característica inerente a todas as línguas, e expressa a riqueza cultural e as diferenças sociais de quem as utiliza. No entanto, aponta em sua fala, que os materiais didáticos ainda abordam esse tema de forma superficial, limitando-se a definições simplistas. Essa lacuna contribui para a perpetuação do preconceito linguístico, especialmente em contextos escolares onde alunos de diferentes regiões ou origens são alvo de discriminação por seu modo de falar. Felipe relata casos de bullying em sua escola contra estudantes com sotaques marcantes, como os paranaenses, evidenciando como a falta de discussão aprofundada sobre variação linguística reforça a ideia equivocada de que existem formas "certas" e "erradas" de se expressar.

“A variação nos livros didáticos, ela aparece ali de forma bem tímida, eles trazem uma definição simples, um conceito simples, mas ela não é muito explorada. Então o livro didático poderia explorar isso através da literatura, trazendo autores, palavras, sotaques diferentes. Então poderia ser abordado numa forma mais prática, poderia também indicar alguns aplicativos, sites, fazer essa aproximação do aluno com a tecnologia para essa compreensão da variação linguística. É importante o professor trabalhar essa aproximação com o universo do aluno, a questão da variação linguística que infelizmente os livros trabalham de uma forma bem tímida.” (Felipe Carlos Professor)

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar como a variação linguística é trabalhada na educação básica, não apenas como um conteúdo teórico, mas como uma ferramenta de inclusão e valorização das identidades linguísticas. Conforme ressalta Faraco (2015), a língua é um sistema heterogêneo e em constante transformação, moldado por fatores históricos, sociais e geográficos. Nessa perspectiva, a variação linguística não pode ser entendida como "erro", mas como um reflexo da diversidade comunicativa dos falantes.

Também em Araquari foi entrevistada a professora, Erni Kioko Hidaka, que contou suas experiências de maneira descontraída e forneceu um rico material para compreender as dinâmicas sociolinguísticas na região norte catarinense. Seu relato revela como as marcas linguísticas locais são percebidas e avaliadas tanto por membros da comunidade quanto por aqueles de fora, além de mostrar os processos que ocorrem no espaço escolar.

A professora, que veio de São Paulo para a região de Araquari, teve seu primeiro contato com expressões locais, como "rua de calçamento" e "estrada de chão", gerando estranhamento e dificuldade de compreensão. Provavelmente, de onde ela veio, essas formas são chamadas de "rua asfaltada" e "estrada de terra", respectivamente. Esse episódio ilustra bem como termos que, para os moradores locais, são absolutamente naturais e óbvios podem ser completamente desconhecidos para falantes de outras regiões.

Ela também relata ter sofrido preconceito por não dominar a variedade local, sendo vista como não pertencente à comunidade.

"E quando eu vim para cá eu apanhei um pouquinho pra saber o significado de algumas palavras. Foi bem complicado. E esse ano eu peguei dois alunos discutindo de maneira positiva, que não era bolacha e era biscoito. E até você explicar, daí veio a questão de trabalhar. Aí eu perguntei, mas porque bolacha? Porque biscoito? E eles discutindo, foi quando comecei a trabalhar com a variação linguística e eles puderam entender que a gente precisa respeitar as diferenças." (Erni Kioko Hidaka, Professora)

Erni ressalta, que, mesmo tendo um certo estranhamento inicial com o falar local, criou um espaço de empatia e reflexão sobre o respeito às diferenças linguísticas com seus alunos. Esses relatos evidenciam como as marcas linguísticas, embora muitas vezes imperceptíveis, tornam-se salientes nos encontros com falantes de outras regiões. A mediação realizada pela professora em sala de aula aponta para o papel fundamental da escola não apenas no ensino da norma-padrão,

mas também no reconhecimento e valorização das variedades linguísticas, como expressões legítimas de identidade cultural.

Alguns alunos também foram entrevistados, e, em seus depoimentos, percebemos que, mesmo sem um aprofundamento teórico sobre o que é variação linguística, existe uma compreensão profunda e orgânica de variação como um fenômeno social. Eles definem o conceito de maneira prática e pessoal, como no depoimento de Cauã Adriano Ribeiro que diz falar como jovem, demonstrando perceber a linguagem como um sistema vivo que se transforma conforme os grupos sociais que a utilizam. Suas análises captam com sensibilidade as diferenças geracionais, observando como os jovens desenvolvem um repertório próprio de gírias que distingue a fala desse grupo da fala dos adultos.

"Nós jovens somos considerados a geração das gírias, eu falo muita gíria. Os meus amigos falam muita gíria, já os mais adultos, mais idosos assim, são acostumado a falar uma fala mais informal, uma fala mais compactada. Aí tem outras linguagem outras línguas assim."
(Aluno Cauã Adriano Ribeiro)

Os estudantes mostram uma especial percepção das dimensões socioculturais da linguagem. Eles mesmos que implicitamente identificam não apenas variações regionais, mas também reconhecem a influência de outras línguas e culturas e o modo de falar de grupos identitários que se utilizam de gírias.

A observação do aluno Cauã sobre as gírias, como a criação de um "idioma brasileiro", distinto do português europeu, revela uma compreensão sofisticada do processo de transformação linguística, ainda que expressa em termos coloquiais.

Os alunos, por meio de seus depoimentos, deixam clara a consciência crítica sobre o preconceito linguístico. Eles não apenas identificam o preconceito contra sotaques nordestinos, mas assumem uma postura ativa de rejeição a essas práticas discriminatórias.

"Hum para mim, eu não tenho preconceito, nenhum porque tipo nordestino, sotaque deles, tipo, já vi bastante gente zombando do jeito dele falar, do jeito que tipo para todo mundo é engraçado o jeito que eles falam, tipo sotaque deles puxando o "r" o "oxi" que eles falam".(Aluno Cauã Adriano Ribeiro)

O depoimento do aluno demonstra percepção sobre o preconceito linguístico, quando comenta sobre as zombarias dirigidas aos seus colegas vindos de outras regiões do país, como ao modo de falar, como a pronúncia do "r" ou o uso de expressões como "oxi". Essa discussão encontra respaldo teórico em Bagno (2013), que analisa como a ridicularização de variedades linguísticas representa uma forma

de violência simbólica, que vai muito além de simples brincadeiras. O autor mostra como essa prática reforça hierarquias sociais, privilegiando determinadas normas linguísticas em detrimento de outras.

Continuando com as entrevistas, busquei conversar com alguns servidores da secretaria de educação. Depois de algumas tentativas, consegui agendar entrevista com a gerente regional de educação, Sônia Paul, com a supervisora regional de educação, Claide Maria, e com a representante do núcleo de acompanhamento e formação de professores, Nélida Alves. A entrevista aconteceu na cidade de Joinville, na Coordenadoria Regional de Educação — CRE.

Foram realizadas perguntas que questionavam se existem cursos específicos para professores de Língua Portuguesa, voltados ao tema da variação e do preconceito linguístico no ambiente escolar. Entretanto, as servidoras responderam não existir um curso específico, mas programas como o "PARE", que é uma iniciativa que oferece apoio pedagógico e integração linguística na formação de estudantes imigrantes e refugiados na Rede Estadual de Ensino.

A entrevistada Claide Maria, aos poucos, foi relembrando situações e percebendo que certos preconceitos linguísticos ocorrem, mas, na maioria das vezes, não são repassados às gerências regionais para que providências sejam tomadas.

“Já faz algum tempo que o estado tem o programa Pare, que é um programa de apoio aos imigrantes, que, até o ano passado, era também aos refugiados, do qual esse professor de Língua Portuguesa faz essa formação, inclusive está no site do próprio governo que pode ser visto a qualquer momento, é uma formação gravada. E, justamente para que o professor saiba trabalhar com essa clientela, com esse perfil de aluno, que, de repente, vem pro nosso país, vem pro estado de Santa Catarina, pra que ele seja primeiro acolhido, acho que esse acolhimento é muito importante.” (Claide Maria, supervisora regional de educação).

A servidora Nélida, que desenvolve um trabalho em aldeias indígenas e escolas quilombolas, ficou à vontade em frente à câmera e destacou a importância da preservação das línguas e culturas desses grupos. Ela relata que as escolas estaduais em aldeias ensinam tanto a língua portuguesa quanto o guarani, e esses centros educacionais oferecem um espaço onde as línguas maternas são ensinadas e valorizadas, contribuindo para que não sejam esquecidas.

“Nós temos sete comunidades indígenas, localizadas em sete comunidades. A matriz curricular dessas escolas trazem [sic] a língua materna, que é o guarani, então existe a possibilidade do estudante aprender a língua materna a escrita e a leitura na escola. [...] O povo guarani é muito oral, era um povo ágrafo, hoje ele já escreve, já lê, mas é aquilo que a gente conversava em relação à questão da língua e da cultura, a gente percebe em relação

do movimento das crianças em sala de aula, quanto se percebe que o professor explica em língua portuguesa, a criança faz a atividade só que, quando ela vai compartilhar a atividade com a criança do lado, toda fala é feita na língua guarani. Eu sou admiradora da língua guarani, então, pra mim, isso é algo fantástico, a forma como as crianças de sete, oito anos separam isso, que, vindo da professora de Língua Portuguesa, eles sabem isso e eles fazem os comandos da língua portuguesa, só que a troca de ideias de dúvidas é na língua guarani, pra resolver questões da língua portuguesa, e eles fazem, resolvem questões de língua portuguesa, eu não sei como eles dão conta disso. Eu presenciei isso muitas vezes, é extraordinário.” (Nélida, representante do Núcleo de Acompanhamento e Formação de Professores).

Para elucidar e responder às dúvidas referentes à variação e ao preconceito linguístico no documentário, contamos com a participação de um especialista. Sendo assim, entrei em contato com a Universidade Federal do Paraná, obtendo a informação de que o professor Carlos Alberto Faraco estava com meu e-mail e nosso encontro aconteceu na cidade de Curitiba, no Paraná.

Carlos Alberto Faraco é um linguista brasileiro, professor aposentado de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Paraná, da qual foi reitor no período 1990–1994. É um renomado autor, com inúmeras obras publicadas, entre elas um dos mais usados manuais de Linguística Histórica. Segundo dados publicados pela Editora Contexto, o autor formou-se em Letras em 1972, lecionou no Ensino Médio em Curitiba, fez Mestrado em Linguística na Unicamp em 1978, e se doutorou em Linguística Românica na Inglaterra, em 1982 (Carlos, s.d.). Publicou vários livros e artigos na área, e, atualmente, é o coordenador da Comissão Nacional do Brasil junto ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O professor Faraco explica que temos que situar a variação linguística na questão da diversidade, uma diversidade não apenas linguística, porém mais ampla do que isso:

“A gente tem que situar a variação linguística na questão da diversidade, mas a diversidade não apenas linguística, mas a diversidade em geral. Vamos pensar que a grande força da natureza é a diversidade, compare aí uma floresta homogênea plantada e uma floresta heterogênea, e, por outro lado, a cultura, a grande força da cultura das manifestações culturais, a diversidade. Vamos pensar na diversidade cultural brasileira só como um exemplo, a diversidade linguística brasileira é uma realidade fantástica. Se você pensar que a humanidade tem hoje aproximadamente 6.000 a 7.000 línguas, é uma diversidade incrível! E cada língua que você consiga identificar, ela mesma vai ser um composto de variedade, inúmeras variedades. Então, peguemos o português, que tem inúmeras variedades lá em Portugal, inúmeras aqui no Brasil, inúmeras em Angola, inúmeras em Moçambique. Portanto, é uma língua também marcada pela heterogeneidade. E esta variação é a força das línguas, é a variação que vai dando a possibilidade de representar a diversidade cultural e as diferentes visões de mundo.” (Carlos Alberto Faraco, especialista na área de Sociolinguística).

Faraco explica que, mesmo aquilo que é identificado como língua, abriga um conjunto de variedades. Então, o português tem inúmeras variedades em Portugal, inúmeras no Brasil, inúmeras em Moçambique. É, portanto, uma língua também marcada pela heterogeneidade. Ele ressalta ainda que essa variação é a força das línguas e isso é o que possibilita a representação da diversidade cultural.

O professor exemplifica que, quando um brasileiro vai para um outro país e ouve falar o português brasileiro, já se anima, isso é a identidade. Porém, destaca que a língua portuguesa no Brasil tem uma característica que é uma divisão, uma partição muito grande entre variedades prestigiadas e variedades estigmatizadas e essa divisão é um resultado da nossa história.

Faraco enfatiza:

“As gramáticas são diferentes, mas elas funcionam perfeitamente na interação, garantindo a comunicação. A questão mesmo é um juízo de valor que recai positivamente sobre as variedades prestigiadas e negativamente sobre as estigmatizadas. E isso faz parte da nossa história colonial, é a sociedade brasileira que se constituiu como uma sociedade partida entre um grupo dominante e uma massa de pessoas escravizadas. E essa massa nunca teve nenhum bem cultural oferecido a ela. Não teve escola, não teve alfabetização, foi uma massa que ficou abandonada, e, com isso, também desenvolveu um modo de falar português que alterou bastante as características da língua, e isso permanece até hoje em nossa sociedade.” (Faraco, especialista na área de Sociolinguística).

Sobre o preconceito linguístico, Faraco destaca que, no fundo, é um preconceito racial. As variedades estigmatizadas foram originariamente dos grupos escravizados marginalizados e permaneceram no português rural. E, com a vinda dessa população para o contexto urbano, houve esse choque linguístico entre as variedades urbanas e essas variedades trazidas do campo. E as pessoas, percebendo as diferenças, começaram a reagir a essas variedades. Portanto, o preconceito tem uma profunda raiz histórica na nossa sociedade dividida.

Quando pergunto sobre o fato de algumas pessoas acreditarem que só se fala uma língua no Brasil, o professor destaca que isso é um imaginário criado, destacando a enorme diversidade que ainda existe atualmente no país.

“Nós temos ainda cerca de duzentas línguas indígenas faladas no Brasil, já foram muito mais. Quando os colonizadores chegaram, imagine-se que havia mais de 1.100 línguas faladas nesse território que é hoje o Brasil. É claro que o processo colonial dizimou essas populações, mas ainda temos 200 línguas de povos originários, o que é uma diversidade extraordinária no mundo. São poucos outros países que têm uma diversidade tão grande. Nós temos línguas trazidas por imigrantes das mais diversas origens. Os imigrantes que vieram do século XIX e os imigrantes que vieram e continuam vindo nos séculos XX e XXI. Então, nós temos uma representação de línguas europeias, asiáticas, africanas nesses territórios oriundos da imigração. E, por fim, você tem que pensar, que nós temos uma língua da comunidade surda, que é Libras. Nós temos várias línguas, várias, línguas nas fronteiras, os países de fala hispânica, ou com a Guiana, ou com a Guiana Francesa, República da

Guiana, então é uma diversidade incrível. Claro que há uma língua hegemônica, que tem uma história, que o historiador dizia que era uma história de sangue. Mas ela se transformou na língua hegemônica do país. E o fato de ela ser hegemônica não pode justificar o apagamento da diversidade linguística que caracteriza o Brasil.” (Faraco, especialista na área de Sociolinguística).

A entrevista com o professor Faraco durou em torno de duas horas e o registro gerou um vasto material que se tornou um grande desafio no momento da edição, pois sabia que não poderia deixar o documentário muito longo e várias partes da entrevista tiveram que ficar de fora.

Finalmente, depois de obter as entrevistas, o desafio da edição iniciou-se. Selecionar os trechos apropriados e construir uma narrativa a partir do material bruto requer um olhar crítico, com a responsabilidade de decodificar e fazer com que o espectador entenda o conteúdo que será exibido.

Cada escolha editorial pode afetar sensivelmente a narrativa. Os desafios decorrentes das entrevistas, gravação dos OFFs e coleta de imagens para o documentário são diversos e complexos. Superar essas dificuldades é o que fez com que o trabalho tivesse uma abordagem reflexiva sobre a variação linguística no âmbito escolar. Dessa forma, permitiu-se que vozes relevantes fossem ouvidas, dúvidas fossem sanadas, buscando reduzir o preconceito no ambiente escolar.

Entre os resultados almejados no processo investigativo desta pesquisa, foi possível perceber a realidade linguística de duas diferentes comunidades escolares. Para isso, foram realizadas diversas entrevistas a fim de obter mais informações de estudantes, professores e funcionários das escolas. Nas entrevistas, foi possível perceber o modo como esses estudantes e colaboradores se expressam e percebem o uso da língua no ambiente escolar em que convivem.

A pesquisa revelou uma realidade sociolinguística complexa nas escolas pesquisadas. Através das entrevistas, foi possível observar como diferentes variedades linguísticas convivem e por vezes se confrontam no cotidiano das escolas. O português local, com suas características litorâneas, interage constantemente com as variedades trazidas por migrantes nordestinos, haitianos e venezuelanos.

Nesse cenário, percebeu-se que a norma padrão ainda ocupa um lugar de privilégio, enquanto as demais variedades são frequentemente vistas como desvios a serem corrigidos. Esse preconceito linguístico se manifesta de forma velada,

especialmente através de brincadeiras e comentários aparentemente inocentes que reforçam estereótipos sobre determinados grupos.

Os depoimentos revelaram também uma certa ambiguidade nos discursos dos educadores. Enquanto alguns reproduzem visões normativas tradicionais, outros demonstram abertura para acolher a diversidade linguística, ainda que muitas vezes sintam falta de formação adequada para lidar pedagogicamente com essas questões. Entre os estudantes, especialmente os filhos de migrantes, é comum a percepção de que seu modo de falar é inferior, levando muitos a tentarem esconder seus sotaques e expressões regionais.

No entanto, a pesquisa também identificou sinais promissores de transformação. Algumas práticas pedagógicas inovadoras mostram que é possível valorizar as variedades linguísticas dos alunos sem abandonar o ensino da norma padrão. Essas experiências positivas, apontam caminhos para uma educação linguística verdadeiramente inclusiva.

A fim de obter resultados mais abrangentes, que realmente possam identificar e, futuramente, gerar discussões sobre a realidade sociolinguística nesses dois distintos ambientes, foi necessário: i) de um lado, coletar informações sobre o contexto investigado por meio das entrevistas com os estudantes e seus professores; ii) de outro lado, realizar uma entrevista com um especialista da área para poder ampliar os conhecimentos sobre a variação linguística e sua relação com o ensino. A entrevista com o especialista visou também elucidar dúvidas e colocar em foco o combate ao preconceito linguístico, que ainda é pouco discutido em ambientes de capacitação de docentes.

Por fim, observou-se que os resultados desta pesquisa poderão ser proveitosos para toda a comunidade dessas duas unidades escolares, como também, pode servir de motivação para futuros trabalhos que possam ser realizados em diferentes localidades do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, desenvolvida para o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), teve como objetivo principal investigar como a variação linguística é abordada no ambiente escolar. Para tanto, foi feito um vídeo documentário a fim de propor a utilização do gênero jornalístico como ferramenta pedagógica para combater o preconceito linguístico.

O trabalho buscou alinhar-se aos objetivos do Programa de Mestrado PROFLETRAS, ao propor uma pesquisa que integra teoria e prática, focando em elucidar dúvidas sobre a Sociolinguística e as questões históricas e sociais que permeiam a construção das normas linguísticas, e, assim, ajudar a combater o preconceito linguístico no ambiente escolar.

A pesquisa também enfatizou diretamente o gênero jornalístico documentário como ferramenta pedagógica. A partir de embasamentos teóricos das obras de Bagno (2007, 2013), Faraco (2008, 2015, 2016), Görski e Valle (2019), Paza e Görski (2024). Além disso, foram realizadas entrevistas com professores e servidores de duas escolas públicas de Santa Catarina, bem como com um especialista, sendo possível constatar que o preconceito linguístico ainda é uma realidade presente nas unidades escolares e que ocorre não somente entre alunos, mas também entre professores e servidores.

O trabalho evidenciou como o preconceito linguístico se insere no cotidiano escolar de maneiras sutis, porém profundamente danosas. Em sala de aula, percebeu-se que os educadores, frequentemente sem se darem conta, acabam reforçando desigualdades ao corrigir de forma sistemática características regionais da fala dos alunos, interpretando variações naturais como equívocos que precisam ser corrigidos.

No âmbito das relações entre alunos, a discriminação aparece de forma mais descontraída, mas não menos nociva. Jovens com pronúncias ou expressões regionais mais marcadas - particularmente aqueles vindos do Nordeste ou de outros países - muitas vezes se tornam alvo de zombarias e apelidos que, mesmo disfarçados de brincadeira, promovem marginalização.

A própria estrutura escolar também contribui para perpetuar essa discriminação, livros didáticos que não contemplam a pluralidade linguística do país, atividades culturais que privilegiam apenas manifestações artísticas da variedade

padrão e a carência de capacitação docente para abordar essas questões acabam naturalizando o preconceito.

Embora se apresentem de diferentes maneiras, todas essas formas de discriminação linguística produzem consequências semelhantes: minam a autoconfiança dos estudantes e criam obstáculos invisíveis para seu engajamento pleno na vida escolar.

A pesquisa revelou ainda que essas dinâmicas discriminatórias se estendem para além das salas de aula, permeando as relações entre os próprios profissionais da educação. Observou-se que a secretaria de educação raramente recebe denúncias formais sobre casos de preconceito linguístico, seja por falta de canais adequados de comunicação, seja pela própria naturalização dessas práticas no ambiente educacional.

Entre os funcionários e professores, identificou-se que hierarquias linguísticas se reproduzem de forma velada, mas impactante. Professores com sotaques regionais mais marcados muitas vezes relatam sofrer preconceitos devido seu modo de falar.

Observou-se que a falta de conhecimento sobre a heterogeneidade linguística e a falta de aplicação dos conhecimentos da Sociolinguística em sala de aula são fatores cruciais para o aumento do preconceito linguístico dentro das escolas. Em entrevista para o documentário, o linguista e professor Faraco, esclareceu que a discriminação se manifesta quando determinadas variedades da língua, mesmo cumprindo seu papel comunicativo, são consideradas inferiores ou incorretas em relação a uma norma-padrão. O autor enfatizou que esse preconceito está profundamente enraizado na sociedade e, muitas vezes, é reproduzido no ambiente escolar.

O documentário, também contendo depoimentos de quem está em sala de aula no dia a dia, mostrou-se uma ferramenta pedagógica prática, que pode auxiliar na elucidação e na valorização da identidade cultural e linguística na região investigada. Dessa forma, essa pesquisa poderá auxiliar professores e profissionais da educação na desconstrução de estereótipos, podendo se tornar uma estratégia eficaz para obter resultados positivos e promover a reflexão crítica do corpo docente e discente sobre as diferentes variedades linguísticas e suas origens históricas.

O trabalho com o gênero jornalístico documentário pode fazer com que os estudantes assumam um papel ativo na investigação e na representação de suas

próprias realidades linguísticas, o que contribuirá para o desenvolvimento de uma postura mais respeitosa e inclusiva. Pretende-se exibir este documentário na capacitação que acontece anualmente para os servidores estaduais, com o intuito de promover um amplo debate e contribuir na integração no estudo da língua portuguesa e nas práticas sociais e linguísticas dentro da escola, para que, assim, o aprendizado esteja alinhado às demandas da educação.

Durante a produção do documentário, esta pesquisa apresentou algumas limitações que devem ser consideradas. Uma delas foi em relação à captação das entrevistas, considerando que nem todas as que foram realizadas puderam ser integralmente aproveitadas. Questões voltadas à dicção de alguns participantes, ou à poluição sonora no ambiente escolar, prejudicaram as sonoras. O material foi captado e analisado frame a frame para manter a qualidade final. Outros fatores, como a falta de clareza nas respostas, divergência de informações ou respostas objetivas e sem argumentações, como apenas “sim ou não”, também limitaram o uso de algumas entrevistas.

Com o aporte teórico e prático, alinhado às tecnologias digitais, este trabalho buscou contribuir para a formação de educadores mais conscientes e preparados. Tal perspectiva está alinhada ao compromisso do PROFLETRAS, de formar professores-pesquisadores capazes de transformar sua prática a partir de uma base teórica sólida e de uma postura crítica para lidar com as questões linguísticas em sala de aula, bem como para o fortalecimento de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e o respeito linguístico no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Tecnologias Digitais na Educação: o futuro é hoje**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea) – Faculdade Estácio de Sá, São Paulo, 2007.
- ALVES, Marcia Nogueira; FONTOURA, Mara; ANTONIUTTI, Cleide Luciane. **Mídia e produção audiovisual: uma introdução**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- BARBOSA, Allan Jones Araújo. **Cinema documentário: uma verdade (in)conveniente**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonéia da. **Educação e novas tecnologias: um repensar**. Curitiba: IBPEX, 2011.
- CARLOS Alberto Faraco. **Editora Contexto**. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/categoria/autores/c1/carlos-alberto-faraco?srsItid=AfmBOorCWYsKLH2uUhhOsuiEM1fCw1j5kpEQcLEyO1HDiWshPEhrd4RV>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- COSTA, Fernando Albuquerque. **Tendências e práticas de investigação na área das tecnologias em educação em Portugal**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.
- CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade, ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 31-51.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade, ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FARACO, Calos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Reconfiguração da Sociolinguística Variacionista e Repercussões para o Ensino. **Estudos Linguísticos Literários**, Salvador, n. 63, p. 97–117, 2019.

HISTÓRIA. **Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul**. São Francisco do Sul, 2025. Disponível em: <https://saofranciscodosul.atende.net/cidadao/pagina/historia>. Acesso em: 26 mar. 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LAZARI, Poliana dos Santos Silva de; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Ensino remoto emergencial: uma experiência com a didatização do gênero 'documentário'. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6., dez. 2020.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas-SP: Papiros Editora, 2006.

MEDEIROS, Pâmela Silva de; GONÇALVES, Douglas Baltazar. Um levantamento sobre o documentário como gênero audiovisual. *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 24., 2019, Vitória-ES. **Anais [...]**. Vitória-ES, 2019. p. 1-15.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAES, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 24., 2001, Campo Grande-MS, **Anais [...]**. Campo Grande-MS, 2001. p. 1-14.

PAZA, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por uma Sociolinguística Educacional Socialmente Constituída: o caso da marcação inclusiva de gênero. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 21, n. 4, p. 10951-10967, out./dez. 2024.

PIRES, Marlon Alef dos Reis. Os gêneros jornalísticos nas aulas de língua portuguesa. **GETEC**, v. 7, n. 16, p. 78-83, 2018.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. (org.). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUZA NETO, Alaim. **Escola, currículo e tecnologias:** desafios da integração pedagógica. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

VIEIRA DE JESUS, Rosane Meira. Escola e documentário: uma relação antiga.

Diálogos Possíveis, v. 7, n. 1, p. 31-43, 2008. Disponível em:

<https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/283/258>.

Acesso em: 26 mar. 2025.

ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da Variação Linguística:** língua, diversidade, ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa com o seguinte tema “O Reconhecimento da variação linguística no ambiente escolar: um documentário”. Este estudo está sendo conduzido pelo pesquisador Paulo José de Oliveira e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A seguir, estão descritas algumas informações importantes da presente pesquisa.

Objetivo: O presente trabalho tem como objetivo produzir um documentário, que será integrado à capacitação dos docentes da rede básica de ensino da região de São Francisco do Sul — SC, e que discutirá a realidade sociolinguística dentro do ambiente escolar. A intenção é abordar, na produção do documentário, questões relacionadas ao preconceito linguístico, e à diversidade linguística, buscando mobilizar e sensibilizar professores de língua portuguesa e de outras disciplinas.

Justificativa: A discussão sobre variação linguística no ambiente escolar vem sendo recorrente nos últimos anos, mas, ainda assim, há dúvidas sobre a sua abordagem e abrangência. O trabalho isolado e superficial com a variação não condiz com a realidade vivida atualmente nas escolas, que recebem inúmeros grupos de estudantes com identidades sociais distintas, vindos das mais diversas localidades do Brasil e do mundo, e fazem parte desse contexto. Nesse sentido, as práticas linguísticas desses estudantes devem ser compreendidas no cenário social da escola, evitando-se que ocorram casos de bullying decorrentes de preconceitos linguísticos. Assim, é de grande importância a produção de um documentário — a ser exibido na Formação de Professores do Estado de Santa Catarina — que possa esclarecer e discutir a realidade sociolinguística no ambiente escolar.

Explicação do procedimento: Você responderá a algumas perguntas referentes ao tema da variação linguística e do preconceito linguístico no ambiente escolar. Tal entrevista será gravada em vídeo em um ambiente adequado, com pouco barulho e será realizada individualmente. As respostas não terão tempo limite e, como são pessoais, não serão avaliadas como certas ou erradas.

Liberdade de participação: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar em qualquer penalidade ou perda de benefícios ou em qualquer prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com essa instituição.

Riscos: Os riscos da coleta serão pequenos, pois os entrevistados estarão em um ambiente sem outras pessoas os observando. Além disso, o equipamento utilizado é compacto, sem grandes iluminações e câmeras robustas, fazendo com que a pessoa não fique tão exposta. Serão feitas poucas perguntas e todas elas sem exigir tempo ou respostas exatas. Esses meios farão com que a pesquisa seja mais verossímil e sem constrangimento ao colaborador. No entanto, é importante alertar sobre eventuais desconfortos e constrangimentos, pois as perguntas podem evocar memórias e mobilizar sentimentos nem sempre agradáveis a você. Por fim, ainda que remota, há a possibilidade de quebra de sigilo, mesmo que involuntária e não intencional, e potenciais consequências na sua vida pessoal e profissional.

Descrição das medidas de precaução/prevenção para os riscos: Comprometemo-nos a procurar os encaminhamentos e as soluções que se fizerem necessários para minimizar os desconfortos, caso venham a ocorrer. Caso você necessite ou queira suspender a sua participação em qualquer fase da pesquisa, poderá fazê-lo sem ter que apresentar justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo.

Benefícios: Como contribuição direta, espera-se fazer você refletir sobre a diversidade linguística, buscando trazer a discussão sobre o combate da prática do bullying relacionado ao preconceito linguístico no ambiente escolar. Ademais, de

forma indireta, a pesquisa trará benefícios a toda comunidade escolar e às regiões pesquisadas, no sentido de trazer à tona um assunto de grande importância e pouco abordado nas escolas, que é o reconhecimento e a valorização da variação linguística, bem como o combate ao preconceito linguístico. Professores de todo o estado de Santa Catarina farão uso do material produzido, que ficará à disposição das escolas e das gerências educacionais e poderá ser consultado a qualquer tempo.

Identificação do entrevistado: Considerando que o documentário tem cunho público, pois será exibido na formação de professores de Santa Catarina, sua imagem e sua identificação serão divulgadas. Reitera-se, no entanto, que as questões não gerarão nenhum constrangimento e visam apenas a sua opinião a respeito da variação linguística e do preconceito linguístico no ambiente escolar. Essas informações serão utilizadas para fins científicos e os materiais coletados serão de responsabilidade dos pesquisadores.

Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos: Não será cobrado qualquer tipo de taxa ou pagamento de qualquer natureza para cobrir os custos do projeto, assim como os participantes não receberão qualquer tipo de pagamento, justificando o caráter voluntário da pesquisa. Entretanto, caso necessário, você poderá ser ressarcido em relação às despesas que possa ter com a sua participação na pesquisa, como transporte e alimentação. Caso ocorra algum dano decorrente da pesquisa, você poderá buscar indenização.

Concordo com o que foi anteriormente exposto. Eu _____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, e autorizo o uso de minha imagem e som no documentário intitulado “O Reconhecimento da variação linguística no ambiente escolar: um documentário”, que poderá ser exibido em meios de comunicação via internet ou rádio e TV, a qualquer tempo. Assino este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com o pesquisador: Paulo José de Oliveira. Além disso, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em

Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094; e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br ou pessoalmente na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Prédio Reitoria II, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC.

Este termo de consentimento livre e esclarecido atende às determinações da Resolução 466/2012.

Florianópolis, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pela pesquisa

APÊNDICE B - ROTEIRO TÉCNICO

DOCUMENTÁRIO — AUDIOVISUAL

Paulo José de Oliveira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR: CONSTRUINDO UM
DOCUMENTÁRIO**

SÃO FRANCISCO DO SUL - SC
2025

Cena 1

(IMAGEM) Câmera focalizando os pés do professor, os livros, entrando na escola. A câmera foca em primeira pessoa. A escola está cheia de alunos no pátio.

Observação: Os rostos dos alunos não aparecerão. Caso seja necessário, serão desfocados na edição.

(OFF 1) A escola é um lugar de encontros e descobertas, lugar de trocas e vivências. Local onde a diversidade cultural, étnica e linguística se misturam. Estar entre essa diversidade linguística e observar a fala é de suma importância para a construção do saber e para o respeito linguístico.

(SOM) Background, som ambiente.

(GRÁFICO) GC Escola Nicola Baptista — fevereiro de 2024.

Cena 2

(SONORA) Com secretária ou servidor da direção relatando sobre as matrículas de alunos vindos de diversas regiões do país.

Cena 3

(IMAGEM) Imagens da praia cheia feitas por um drone. Cenas relacionadas ao turismo, hotéis, porto e trabalho em empresa de grande porte, empresas portuárias.

(OFF 2) No litoral norte catarinense, está situada a cidade de São Francisco do Sul. Segundo dados do último Censo do IBGE, a população é composta por cerca de 52 mil habitantes. Em 2021, o PIB per capita era de 155.542,28, sendo que o município fica na quarta posição no Estado. Com economia aquecida e o turismo em alta, muitos imigrantes são atraídos pelas ofertas temporárias de emprego.

Cena 4

(SONORA) Com servidor administrativo falando sobre os imigrantes que vêm com as famílias de fora, e sobre a linguagem usada por eles.

(SONORA) Com professor falando sobre as variedades regionais e a identidade linguística dentro da escola e sobre o preconceito linguístico.

Cena 5

(IMAGENS) Imagens da educação em contextos antigos, modelos de escolas tradicionais, ditadura militar, política, escolas tradicionalistas, bullying.

(OFF 3) O preconceito linguístico continua presente em nossa sociedade. Por muito tempo, existiu a busca por uma língua perfeita, usada pelas classes dominantes. A repulsa, o desrespeito e o juízo de valor negativo estão associados às variedades linguísticas ditas de menor prestígio social. As classes menos favorecidas, que não tiveram acesso ao modelo de educação formal, sofrem com essa realidade até mesmo nos dias atuais. Fato é que a sociedade brasileira ainda precisa aceitar as transformações sociais e linguísticas que o país vem sofrendo no decorrer dos anos. E aceitar a heterogeneidade da língua pode ser um grande passo para a construção de uma sociedade melhor.

Sequência de Sonoras

(SONORA) Com professor 1 falando sobre preconceito linguístico.

(SONORA) Com professor 2 falando sobre preconceito linguístico.

(SONORA) Com funcionário da escola falando sobre preconceito linguístico.

(SONORA) Com aluno falando sobre preconceito linguístico.

Cena 6

(IMAGENS) Constituição, código penal, assinatura no Senado Federal, juiz batendo o martelo, assinatura em juízo, bullying na escola.

(OFF 4) Segundo o ministério da educação, a cada dez estudantes, um é vítima de bullying no ambiente escolar e muitas dessas agressões estão ligadas a preconceitos raciais e étnicos, que se evidenciam por meio da fala. A lei Federal 14.811, de 2024, que começa a incluir os crimes de bullying e cyberbullying no código penal, visa combater e punir esses crimes.

(SONORA) Com orientador educacional ou assistente técnico pedagógico falando sobre o preconceito linguístico.

(SONORA) Com professor de Língua Portuguesa falando da importância de trabalhar a variação linguística como forma de evitar o preconceito linguístico.

Cena 7

(OFF 5) Atualmente, no Brasil, existe grande diversidade dialetal ligada a aspectos geográficos e sociais. Em um país com extensão territorial tão grande,

povoado por tantas etnias, seria um equívoco achar que apenas um modo de falar é válido e taxar todos os outros como errados.

(IMAGENS) Imigrantes em um navio, sorriso de pessoas de diferentes etnias, rua em um centro urbano cheio de gente.

(SOM) Som ambiente com vozes e barulhos da cidade.

Cena 8

(OFF 6) Algumas mudanças no ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras vem ocorrendo. A publicação de documentos oficiais, como os PCNs e a BNCC, acabou introduzindo alguns conceitos na prática docente, que ainda eram pouco usuais. Conceitos esses oriundos da Sociolinguística, disciplina que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

(IMAGENS) Documentos oficiais, PCNs, BNCC, livros didáticos chegando na escola, programa PNLD, alunos lendo livros didáticos, Sociolinguística.

(TRANSIÇÃO) Fade.

(SOM) Background.

Cena 9

(IMAGENS) Imagens aéreas da praça Santos Andrade, na Universidade Federal do Paraná.

(OFF 7) Em se tratando dessa relação cada vez mais proveitosa entre a Sociolinguística e o ensino da língua, o professor e escritor Carlos Alberto Faraco é reconhecido como um dos maiores especialistas da atualidade. Seu nome está ligado a uma extensa produção na área dos estudos da linguagem e suas obras têm contribuído para uma compreensão histórica e social do português brasileiro.

(SONORA) Com professor Faraco falando sobre a Sociolinguística na educação, o preconceito linguístico, as variações dialetais e a ligação entre língua e sociedade.

Cena 10

(IMAGENS) Na escola, professor de língua portuguesa, provas, mão do aluno copiando, atividades impressas, impressora trabalhando, avaliação de classes gramaticais, alunos vistos por trás em um sistema tradicional de ensino, professor

escrevendo no quadro-negro com giz, livros de gramática, dicionários e livros didáticos. Imagens do Brasil no final do século XIX.

(OFF 8) A escola e a gramática caminham juntas há séculos. Segundo estudiosos, a primeira gramática data de 170 a.C. e teve sua autoria atribuída a Dionísio Trácio.

Cena 11

(IMAGEM) Da cidade de Araquari, cenas de indústrias e fábricas, mostrando o crescimento industrial, imagens da BMW, funcionários montando peças.

(OFF 9) Outra cidade que vem se destacando com o crescimento populacional é Araquari. A simpática cidade no norte catarinense tem pouco mais que 45 mil habitantes e um grande parque industrial com políticas que favoreceram as instalações de multinacionais na região. Isso representa um aumento populacional de mais de 80%, em comparação com ao último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, com imigrantes vindos de todo Brasil e de outros países.

(SONORA) Com alunos imigrantes contando a dificuldade no aprendizado do português brasileiro.

(SONORA) Com alunos falando do preconceito linguístico.

Cena12

(IMAGEM) Cena aérea da escola Nicola Baptista, imagens de alunos imigrantes estudando, subindo escadas e andando na escola.

(OFF 10) Além dos desafios que os imigrantes, muitas vezes refugiados, sofrem com as adversidades da distância, o idioma torna-se um obstáculo a ser superado.

(EFEITO) Fade.

(OFF 11) Como lidar com a diversidade linguística e com o preconceito linguístico no ambiente de ensino e quais atitudes podem vir a ser tomadas para a construção de espaços de respeito linguístico que promovam justiça social?

(IMAGEM) Imagens da escola Nicola Baptista, diversidade escolar, rodas de conversa, jogos, rodas de bate papo.

(SONORA) Com professores respondendo à pergunta.

(SONORA) Com servidor da secretaria de educação falando sobre o respeito linguístico no ambiente escolar e como a abordagem da Sociolinguística é importante para a capacitação dos professores.

(SONORA) Com professor Faraco falando sobre a relação entre a Sociolinguística e o ensino.

Cena 13 (Final)

(IMAGEM) Professor em sala de aula, andando na escola, cumprimentando os alunos, fazendo roda de leitura, alunos cantando, biblioteca. Mostrando o ambiente escolar.

(OFF 12) Ser professor é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade, é observar a fala e a escrita de cada aluno, respeitando sua história, observando as mudanças, inerentes a qualquer sistema linguístico. É fundamental refletir sobre a variação linguística, e sobre o valor social atribuído aos usos da língua.

Não se pode imaginar um futuro sem professores, mas também não é possível imaginar professores que desconsiderem as mudanças no cenário social. Tendo em vista essa nova realidade, torna-se necessário um maior investimento na profissionalização dos docentes, melhorando os salários e as condições de trabalho e principalmente o reconhecimento da heterogeneidade linguística no ambiente escolar.

Lista de abreviaturas do roteiro

GC — Gerador de caracteres ou lettering (legendas).

OFF — No jornalismo, é o texto narrado por um repórter, significa locução coberta por imagens.

SONORA — São gravações de entrevistas realizadas por repórteres, que, posteriormente, são utilizadas para a criação de reportagens radiofônicas ou televisivas.

Background — Som de fundo.

Informações do documentário na plataforma de vídeos YouTube

O documentário está disponível no link: <https://youtu.be/RKMPVyljGrU>

Título da obra Audiovisual: O reconhecimento da variação linguística no ambiente escolar: construindo um documentário

Descrição na plataforma: Documentário criado para o curso de Mestrado Profissional PROFLETRAS — UFSC, que mostra a realidade sociolinguística dentro do ambiente escolar, a partir de entrevistas realizadas com servidores, docentes e gestores de escolas da Rede Estadual Básica de Ensino de Santa Catarina, contando também com uma entrevista com o autor e especialista na área da Sociolinguística, Carlos Alberto Faraco. A pesquisa foi realizada pelo mestrando Paulo José de Oliveira e tem a orientação da Doutora Carla Regina Martins Paza, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Formato: MP4 — 1080 linhas Full Hd

Duração: 00:31:39

Data do Upload: 12/03/2025